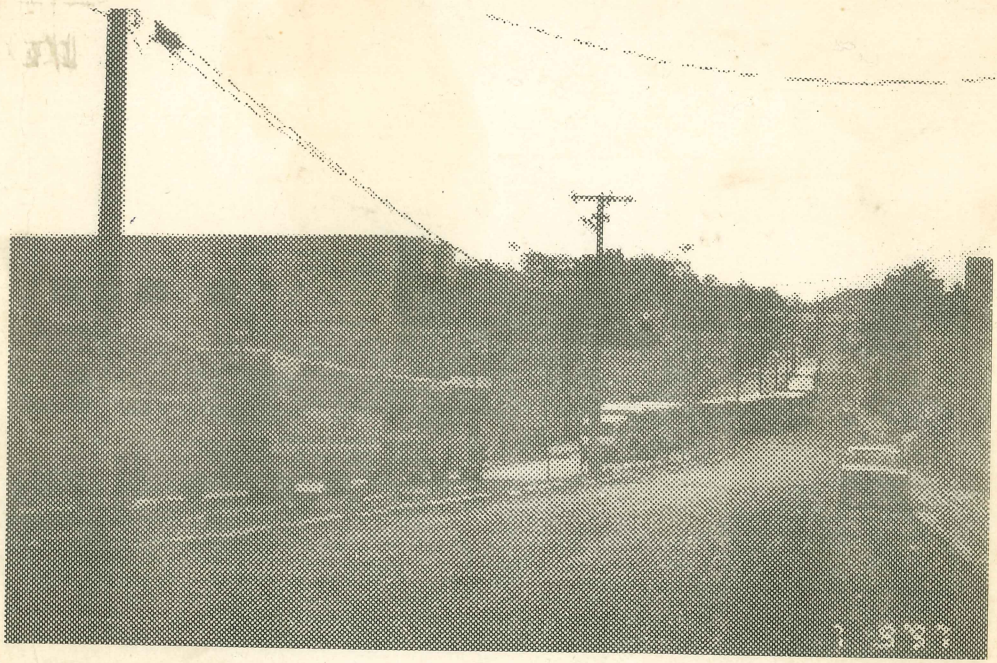


CHOPINZINHO

SUA HISTÓRIA, SUAS LENDAS

Professor Evilasio Fussiger

CHOPINZINHO

SUA HISTÓRIA, SUAS LENDAS

CHOPINZINHO

SUA HISTÓRIA, SUAS LENDAS

Evilasio Fussiger

CHOPINZINHO

SUA HISTÓRIA, SUAS LENDAS

1º Edição

Todos os direitos reservados ao autor

DEDICATÓRIA

A minha esposa: Maria Salvador
Aos meus filhos: Vera Lucia, Celso Antônio e Luciana, que são a razão do meu trabalho, as alegrias de minha vida.
Aos antigos de Chopinzinho, que contribuíram para que esse trabalho fosse possível.

HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CHOPINZINHO

PRELIMINAR

Escrever a História de um país, Estado ou município é uma tarefa excitante, mas, ao mesmo tempo, pode tornar-se difícil, se as "fontes históricas" não forem muitas. Em nosso caso, a História do município de Chopinzinho tornasse ainda mais difícil devido ao grande espaço de tempo que separa a fundação do momento atual.

Alguns filhos ou netos dos primeiros que aqui chegaram continuam vivos, mas já com idade avançada, acima de sessenta anos, que seriam os netos. Quanto aos filhos, já passaram de oitenta anos, não estando, às vezes, em condições de dar entrevistas, por terem a saúde abalada.

Outra dificuldade, em relação aos antigos moradores, é que alguns, que ainda vivem, encontram-se em outros municípios e mesmo em outros Estados, dificultando e tornando onerosa a sua consulta. Assim mesmo, entramos nessa batalha, procurando as fontes históricas, as mais diversas, a fim de fazermos um trabalho completo e abrangente, apresentando os fatos com a maior fidelidade possível. Por isso, ao nos inteirarmos de um fato, o levamos ao conhecimento de outros antigos para constatar sua veracidade, ampliando-o ou diminuindo-o, conforme o caso.

LOCALIZAÇÃO E GENERALIDADES

Chopinzinho localiza-se na região do Sudoeste do Paraná, micro-região 16, com uma área de 907,638 km2, sendo o segundo maior município do sudoeste.

A altitude é de 760 metros acima do nível do mar.

As coordenadas geográficas são: latitude sul 25° e 45` e longitude oeste 52° e 30` .

Dista 399 km da capital do Estado, Curitiba.

Clima é subtropical , úmido, mesotérmico, com verões quentes e invernos com pouca geada e com tendência de concentração de chuvas no verão , sem estação seca definida .

A média da temperatura nos meses quentes, é superior a 22° C e nos meses mais frios, inferior a 18° C

LIMITES:

Ao norte com o município de Rio Bonito do Iguaçu.
Ao nordeste com o município de Candói.
Ao leste com o município de Mangueirinha.
Ao sul com o município de Coronel Vivida.

Ao oeste com o município de São João.
Ao noroeste com os municípios de Sulina e Saudade do Iguaçu.

A população é de 20.063 habitantes, sendo 6.455 na zona urbana e 13.608 na zona rural

A densidade demográfica é de 22,10 habitantes por Km2.

POR QUE COLÔNIA MILITAR?

"Quando, em 1759, comissários portugueses e espanhóis procederam à demarcação da fronteira entre o Brasil e a Argentina, na região oeste do Paraná, encontraram, nos Campos de Palmas, vestígios da dominação brasileira que se pretendia ao alvorecer do século XVII.

A posse efetiva dos Campos de Palmas somente se deu em 1839, com a "Entrada" das bandeiras de Joaquim Ferreira dos Santos e Pedro de Siqueira Côrtes, que, de Guarapuava, procuraram vencer a ferocidade do aborígine, a falta de um caminho e todas as dificuldades da época, penetrando no sertão misterioso e indevassável, para atingir a zona então conhecida por Campos dos Biturunas, numa disputa aguerrida e ambiciosa pela posse de extensa e rica região que ficava ao sul do rio Iguaçu, na outra extremidade dos Campos Gerais.

Zacarias Dias Côrtes foi o descobridor dos campos de Palmas, em 1726, tendo partido de Curitiba, chefiando a primeira expedição organizada com esse objetivo. Seguiram-se-lhe outras bandeiras que fracassaram no seu intento de atingir a região.

Em 1819, Atanagildo Pinto Martins, orientado pelo valente cacique caigangue Jongong, partiu para os Campos de Palmas, mas procurando evitar as hordas do gentio que dominava a região abandonou o rumo sul e, tomando a direção sudoeste, redescobriu os Campos de Palmas.

O povoamento da zona foi iniciado com a chegada, ali, dos expedicionários Joaquim Ferreira dos Santos e Pedro de Siqueira Côrtes que, em 1839, organizaram duas sociedades adversas e inimigas, mas com objetivos comuns.

Dessa iniciativa, depois de realizada a pacificação dos dois bandeirantes em luta, surgiu a freguesia de Palmas, criada pela lei provincial número 22, de 28 de fevereiro de 1855 e elevada à categoria de município em 1877.

Do desmembramento do território de Palmas originaram-se várias unidades municipais, entre as quais Clevelândia, Mangueirinha e outras.

Com o progresso alcançado no decorrer dos anos, também o município de Mangueirinha sofreu alteração administrativa, sendo o seu território desmembrado em outras unidades municipais. Assim, o atual município de Chopinzinho é uma decorrência dessa alteração efetuada no território de Mangueirinha." (Fonte: Inspetoria Regional de Estatística Municipal (Paraná). Departamento Estadual de estatística (Paraná).Departamento de Geografia, Terras e Colonização do Paraná).

A questão das divisas entre o Brasil e a Argentina arrastava-se desde o período colonial, sendo que a Argentina queria ocupar o território até a cidade de Palmas, no Paraná. Foi a Questão de Palmas. Ao ser definida a linha divisória entre os dois países, a Argentina reivindicava que a fronteira fosse pelos rios Chapecó e Chopim, ou seja, o Sudoeste Paranaense. O Brasil defendia que a fronteira Ocidental seguisse os rios Santo Antônio e Peperi-Guaçu. Para evitar que a Argentina ocupasse esse território, o Governo Imperial Brasileiro resolveu criar colônias militares na região fronteiriça aos limites contestados pelos dois países, para assim defendê-la contra possíveis invasões da Argentina. Em 1889, depois de se ter instalado a Colônia Militar do Chopim, os dois países, de comum acordo, entregaram a questão para o arbítrio do Presidente dos Estados Unidos, Grover Cleveland, o qual deu ganho de causa ao Brasil, em 5 de fevereiro de 1895. A Colônia Militar do Chopim destinava-se também a facilitar o trabalho das comissões de estudo desses limites e a defender os habitantes dos Campos de Palmas, Erê, Xagu e Guarapuava contra os ataques dos índios que prejudicavam a região. Esses índios deviam ser chamados à civilização, com o auxílio da catequese. As colônias militares deviam incentivar também o desenvolvimento da indústria e da pecuária. Os índios da região, com suas incursões, prejudicavam a pecuária, matando e roubando gado, impedindo a ocupação do solo pelos migrantes. A região inculta, coberta de grandes florestas, deveria tornar-se um centro de produção de grandes possibilidades.

Em vista do acima exposto, determinou o Governo Imperial criar mais duas colônias militares na Província do Paraná, ao ocidente dos rios Chapecó e Chopim, nos pontos mais convenientes à obtenção de um resultado real e positivo.

CRIAÇÃO DA COLÔNIA MILITAR DO CHOPIM.

Pelo Decreto nº 2.502 de 16 de novembro de 1859, foi determinada a situação da Colônia Militar do Chopim, localizada entre os rios Iguaçu e Chopim, devidamente protegida pela ação militar, para efetivo Plano de Defesa da Região Fronteiriça, com a República Argentina. O Decreto estava assim redigido:

Decreto nº 2502 de 16 de novembro de 1859:

" Ei por bem criar mais duas Colônias Militares na Província do Paraná, as quais serão estabelecidas, uma nos Campos Xagu, ao ocidente de Guarapuava, nos pontos que forem designados pelo Presidente da Província e deverão reger-se pelas instruções que com este baixam, assinadas por João de Almeida Pereira Filho, do meu Conselho, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império, que assim o tenha entendido e faça executar.

Palácio da Baia, aos 16 de novembro de 1859, trigésimo oitavo da Independência e do Império".

Segue a rubrica de sua Majestade, o Imperador D. Pedro II.

Assinado por João de Almeida Pereira Filho.

INSTRUÇÕES PARA A INSTALAÇÃO DA COLÔNIA

As instruções para a instalação de mais duas colônias militares na Província do Paraná, a que se refere o Decreto nº 2.502, de 16 de novembro de 1859, estabelecem de um modo geral, os fins a que são destinadas e determinam os direitos e obrigações dos colonos, do pessoal administrativo e dá outras disposições.

Foi posteriormente determinada a situação da Colônia Militar do Chopim, localizada entre os rios Iguaçu e Chopim, em região desconhecida e inculta, porém eqüidistante dos Campos de Palmas e Guarapuava, onde mais se fazia sentir a necessidade de ocupação por famílias nacionais devidamente protegidas pela ação militar, para facilidade do Plano de Defesa da Região Fronteiriça, com a República Argentina

A 27 de dezembro de 1882, em virtude da portaria de 20 de setembro de 1881, à margem do Rio Pedrosa, assim mais tarde denominado, fundou-se a Colônia Militar do Chopim. Ocupou-se então, a partir de dezembro de 1882, a abrir picadas de exploração do sertão desconhecido, entre os rios Iguaçu e Chopim.

Foram nesse tempo explorados os rios Dório e Chopinzinho, bem como diversos afluentes do Iguaçu e, entre os dois primeiros, foram construídos abrigos para o pessoal, feitas as primeiras plantações e abertas as primeiras vias de comunicação com os campos de Palmas e Guarapuava. Ficou, assim, estabelecida a Colônia Militar do Chopim e efetivada sua fundação a 27 de dezembro de 1882, reinando sua Majestade o Imperador D. Pedro II e sendo Presidente da Província do Paraná o Exmo. Sr. Dr. Carlos Augusto de Carvalho.

A Comissão da Colônia Militar do Chopim era composta do Capitão Bacha-

rel FRANCISCO CLEMENTINO DE SANTIAGO DANTAS, como chefe, Capitão Belarmino Augusto de Mendonça Lobo e Antonio Tertuliano da Silva Mello, como ajudantes, do Alferes Saturnino Augusto de Mendonça Lobo, como Escrivão, Almoxarife e Comandante interino do contingente que acompanhava a Comissão. .Também faziam parte da Comissão os demais praças e colonos.

Francisco Clementino de Santiago Dantas

Mula encilhada.
Cada pessoa da Colônia tinha orgulho do seu animal bem encilhado.
Até as crianças de 8 anos tinham o seu cavalo.

CAMINHO SEGUIDO PELOS MILITARES

A comissão nomeada e incumbida do estabelecimento desta Colônia Militar do Chopim, " no dia 03 de novembro do ano de 1881 partiu da cidade de Curitiba, para alcançar Ponta grossa, e desta, através das povoações de Conchas, Imbituva e outros pequenos povoados em demanda de Guarapuava, antiga fundação do Missionário Padre Francisco das Chagas Lima. A esta comitiva, composta de um oficial do exército, Capitão Santiago Dantas, sua esposa, soldados e civis, fora confiada pelo Governo, a defesa do território, face à questão de limites entre Brasil e a República Argentina. Partiu, rumo a um sertão que azulava ao longe, a comitiva de engenheiros do capitão Dr. Francisco Clementino de Santiago Dantas. Saindo da velha cidade de Guarapuava, cavalgando suas montadas, prosseguiam a mar-

cha, deixando, naqueles dias ensolarados, campos e rios, tão fartos naquela região do oeste paranaense. Foram para diante, rumo ao algodoeiro, onde ficava a última morada naquele rincão, propriedade do Coronel Frederico Virmond, à margem do Iguaçu. Após duas noites de pouso no mato, eis afinal a passagem do grande rio, bastante crescido nessa ocasião."

Às margens do rio Iguaçu foi feita nova parada, com vários dias de descanso, na propriedade do Coronel (Título honorífico dado a líderes políticos) Frederico Virmond, fazendeiro, dono da balsa, dono de um alambique, de uma fábrica de açúcar mascavo e branco, de uma máquina de descaroçar algodão. Como na propriedade houvesse várias máquinas, o lugar era chamado de MÁQUINAS. Virmond possuía 1.800 alqueires de terras, abrangendo parte das terras que hoje pertencem aos índios. Em 1978, com o fechamento da barragem do Salto Santiago, as propriedades dos Virmond ficaram debaixo da água. Saliente-se que a casa estava perfeita. Os galpões estavam caindo.

Enquanto mulheres e crianças ficavam na propriedade de Virmond, soldados e civis iam desmatando, forçando taquarais e espinheiros, abrindo caminho para os cargueiros e o pessoal passar. A picada foi aberta à custa de facão e foice. Da propriedade do Coronel Frederico Virmond, seguiram até o rio Luciano, chegando à Barra Grande. Depois atravessaram o rio Passo-Fundo, onde mais tarde fizeram uma taipa de pedras, para a cabeceira de uma ponte. Essa taipa caiu, mas foi refeita e ainda existe. A aludida taipa não foi só no rio, mas seguiu acompanhando a estrada. Logo em seguida, passaram Invernadinha, rio Tiriva, Bugre, rio Pitanga, Serra Paineira, Passo do Sol, Portão da Palmeira, hoje entrada para Santa Cruz. Mais uns dois quilômetros e a passagem pelo rio Chopinzinho. Depois a passagem pelo rio Moinho Velho e a colina coberta de uma floresta espessa e frondosa, local onde fundaram a Colônia Militar. Devemos esclarecer que os nomes acima citados foram colocados mais tarde, pois, na ocasião, nenhum desses nomes existia.

Segundo depoimento de pessoas mais antigas, inclusive de algumas já falecidas, dados a mim, a esposa do Coronel Francisco Clementino de Santiago Dantas, teria dito: " Santiago, chega de caminhar. O lugar é aqui e aqui vamos parar". Foi então que o Coronel, descobrindo a cabeça, teria respondido: " É aqui, neste pedaço do solo brasileiro, sob este céu sempre nosso, que declaro fundada a Colônia Militar do Chopim". E o direito do Brasil a esse chão sempre querido foi confirmado pelo laudo magistral de Grover Cleveland, quando presidente da nação Norte Americana, em data de 5 de fevereiro de 1895.

ATA DA FUNDAÇÃO DA COLÔNIA MILITAR DO CHOPIM

"Aos vinte e sete dias do mês de setembro do ano de mil oitocentos e oitenta e dois, décimo quarto aniversário do combate entre as forcas brasileiras e aliadas que expeliram as paraguaias das posições de Lomas Valentinas na República do Paraguay, reinando sua majestade o Imperador D. Pedro Segundo, sendo Ministro Secretário de Estado dos Negócios da Guerra, o Sr. Conselheiro Carlos Afonso de Assis Figueiredo, e presidente da Província do Paraná, no município de Palmas, entre o Chopim e Iguaçu, ao ocidente de Chopinzinho e ao oriente do Dório, sobre as duas margens do Pedrosa, afluente do último dos mencionados canais, foi fundada a Colônia Militar do Chopim, pela Comissão composta do Capitão Bacharel Clementino de Santiago Dantas, como chefe, dos capitães Belarmino Augusto de Mendonça Lobo e Antônio Tertuliano da Silva Mello, como ajudante e do alferes Saturnino Augusto de Mendonça Lobo, como escrivão, almoxarife e comandante interino do contingente que acompanha a comissão. Achando-se mais presentes ao ato os demais praças e colonos abaixo relacionados: Segundo Sargento Virgílio Joaquim de Miranda Seve, Cabo Manoel Vicente, Domingo Gonçalves de Macedo e Estanislau Dias Machado. Anspeçadas: Izidoro Fidelis Ferreira, Francisco Jorge Portugal, Joaquim José Gonçalves, Veríssimo José da Costa. Soldados: Segundo Cadete Napoleão do Rego Brasileiro, Segundo Cadete Francisco Cordeiro de Oliveira Rocha, Lourenço F. Joaquim, José Santana, Antônio Gomes de Oliveira, Francisco Scossio de Vasconcelos, Maximiliano José da Silva, Antônio Martins de Lima, Antônio Gonçalves de Andrade, Joaquim José Gonçalves, Elias José dos Reis, Antônio Soares de Almeida, Gustavo Antônio Pe-reira, José Alexandre da Silva, José Ferreira da Rocha, Pedro José da Silva, Antônio Felipe Lopes, Francisco Fagundes, Francisco Nicolau de Lima, João Antônio dos Santos, Joaquim Angelo da Veiga, Leobaldo Justino da Costa, Rispim Rodrigues, Guilherme Farias, Manoel Ferreira dos Santos, Justino Machado Mello e Manoel Tibrício Rodrigues. As famílias dos mesmos: Ana Luiza dos Santos, Cândida Feliciana Maria da Conceição, Carolina Vogler Brasileiro, Gertrudes Maria do Espírito Santo, Antônia Maria da Conceição, Tereza Maria da Conceição, Eulália Francisca de Andrade, Francelina Maria Veiga, Ana Maria França, Tereza Maria do Espírito Santo, Maria Eugênia da Conceição, Maria do Rozário, Balbina Maria Antunes, Lucinda Izabel, Joaquina de Lima, Antônia Maria Serafina e Paula Francisca das Chagas. Filhos dos mesmos: Agapito Dias Machado, Maria Luiza Machado, Fidel Smignaring Machado, Zeferina Maria da Conceição, Leonildo Ferreira da Virgem, Gentil Ferreira Cândido, João Pedro de Oliveira, Leandrina da Veiga, Paulina da Veiga, Guilherme Gonçalves, Pedro Lourenço Ferreira, Sabina Maria da Conceição, Manoel José de Santana, Antônio Joaquim Gonçalves, Cândido Gonçalves de Andrade, Inácio Gonçalves de Andrade, Maria Izabel de Andrade, Adelina Gonçalves de Andrade, Luiz Conrado, Lourenço José da

Silva, Joaquim da Silva, Júlio Gomes da Rosa, Francisca das Chagas, Maria da Luz. Colonos e suas famílias: Valentim Vogler, sua mulher Maria Cristina Vogler e seus filhos Valentim, Maria, Luiz e Henrique Vogler. Antônio Manoel de Araújo, sua mulher, Joana Maria da Conceição e seus filhos, Francisco Antônio, Maria Joana da Conceição e Noel Antonio de Araújo. Possidônio Cardoso Fernandes, sua mulher, Maria Francisca Leite. Francisco Xavier dos Santos Pacheco, sua mulher, Idalina Maria e seus filhos, Eulálio, Manoel Ursolino, Cesário, José Pedro, Francisco e Maria Francisca dos Santos Pacheco. Evandro Ponce Leones e Torquato José Souza.

A sede da Colônia, no ponto acima mencionado, que se acha a oeste e noroeste dos campos de Palmas e a sudoeste dos campos de Guarapuava, dista pelos caminhos existentes, em parte abertos pela comissão, cento e quarenta e cinco quilômetros do povoado de Boa Vista, Cento e dez da vila de Palmas. Com o testemunho das pessoas acima mencionadas, às nove horas do dia, foram inaugurados os trabalhos da Colônia, a qual, desde agora passa a reger-se pelas instruções que baixaram com o decreto nº 2.502 de dezesseis de novembro de mil oitocentos e cinqüenta e nove, e para constar o chefe da comissão, bacharel em matemática e ciências físicas, capitão do Estado Maior da Artilharia, Francisco Clementino de Santiago Dantas, mandou lavrar a presente ata, que assinou com os membros da comissão, os cidadãos Dr. Francisco Pedro da Cunha, Manoel Aleixo de Oliveira e os colonos presentes que sabem escrever. Eu, Alferes Saturnino Augusto de Mendonça Lobo, escrivão, escrevi e assinei, Saturnino de Mendonça Lobo, Cel. Francisco Clementino de Santiago Dantas, Capitão chefe da comissão. Belarmino Augusto de Mendonça Lobo, capitão ajudante. Antônio Tertuliano da Silva Mello, capitão ajudante. Saturnino de Mendonça lobo, alferes escrivão. Almoxarife e comandante do contingente, Manoel Aleixo de Oliveira. Francisco Xavier dos Santos Pacheco. Valentim Vogler, Francisco Rodrigues Simões".

REGULAMENTAÇÃO DAS COLÔNIAS MILITARES.

O regulamento para a execução do Decreto Legislativo 733, de 21 de dezembro de 1900, instituído para a reorganização das Colônias Militares, teve sua aprovação pelo decreto 4.662, de 21 de janeiro de 1902. Esse regulamento reorganiza por definitivo as colônias militares e trata:

- dos fins das colônias e sua distribuição;
- do pessoal administrativo, deveres e vantagens de cada um;
- dos colonos;
- dos títulos de posse;
- do regime colonial;

- do arquivo da colônia;
- do conselho econômico;
- dos direitos de posse;
- das disposições gerais.

EMANCIPAÇÃO DA COLÔNIA

A emancipação da Colônia Militar do Chopim foi efetivada sem que houvesse, para isso, qualquer ato oficial que tornasse pública essa Resolução do Governo Federal; o seu conhecimento consta do Termo de Encerramento de Matrícula dos Colonos, nos livros respectivos, no momento conservados no Arquivo Público, de seguinte teor: "De conformidade com a resposta do Sr. Tenente Coronel, chefe interino do Estado Maior da Décima Primeira Região da Inspeção Militar do Estado do Paraná, da consulta por mim feita em telegrama de 10 de abril, fica encerrada a escrituração do presente livro em virtude da emancipação da Colônia Militar do Chopim, que passa para o domínio civil, entregue ao mesmo Estado pelo tenente Severiano Machado da Fortuna, recebido pelo Sr. Anísio Hipólito de Oliveira, agente fiscal, nomeado para esse fim, tudo no corrente ano de 1909.

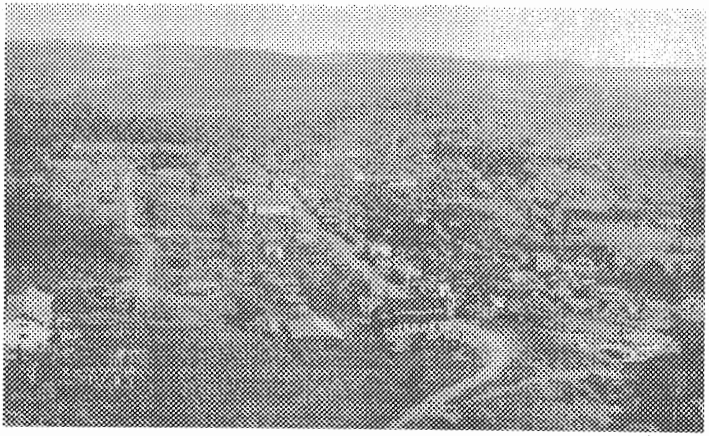
Chopim, 30 de abril de 1909."
(a) Severiano Adolfo de Fontoura, Segundo Tenente, encarregado do Ministério da Guerra.

No dia 30 de abril desse mesmo ano de 1909, foi criado o distrito policial de Chopim, no município de Palmas.

Com a emancipação e extinção da Colônia Militar do Chopim e a retirada dos militares, provavelmente de 1910 a 1912, a Colônia foi-se acabando cada vez mais. As casas, como também a capela, viraram tapera.

" Em 1913, o padre Plácido Rohlf (O.F.M.) mandou derrubar a capela velha e construir uma nova. Os construtores da nova capela foram os senhores José Dal Piva, Zacarias Camargo, Miguel Kurylo e todos os irmãos Zuconelli".(Retirado do Livro do Tombo, da Igreja Matriz de Chopinzinho.)

Constatamos também que o mapa dos militares continha algumas imperfeições, pois, na Ata de Fundação da Colônia Militar do Chopim, menciona-se que o Rio Pedrosa é afluente do Rio Dório, quando na realidade desemboca no Rio Chopinzinho.



Chopinzinho, no fim da década de 50. Vemos em primeiro plano a Escola Tasso A. da Silveira e a Igreja.

ORIGEM DO NOME CHOPINZINHO

O nome Chopinzinho é derivado do Rio Chopinzinho, que por sua vez é derivado do Rio Chopim. Mas de onde esses nomes? De um pássaro preto e canoro chamado chupim ou chopim, molothrus bonariensis que, existia em grande quantidade nessa região.

SANTIAGO DANTAS.

Quem foi Santiago Dantas, o fundador da Colônia Militar do Chopim e conseqüentemente de Chopinzinho?

Francisco Clementino de Santiago Dantas, militar brasileiro, nasceu em Itaguaí, no Rio de Janeiro, em 1844. Oficial de carreira, participou das campanhas do Uruguai e do Paraguai. Radicado, depois, no Rio Grande do Sul, constituiu família. Foi professor da Escola de Guerra de Porto Alegre e deputado provincial. Em 1874, quando o general Gesuíno de Sampaio foi encarregado da expedição contra os Muckers, fortificados no Morro do Ferrabrás, levou-o consigo, como comandante da artilharia. Depois da morte do General Gesuíno, o Coronel Santiago Dantas foi o escolhido para substituí-lo, tendo liquidado o último reduto dos rebeldes.

Enviado para a província do Paraná em 1881, aqui fundou a Colônia Militar do Chopim.

Mandado posteriormente para Cuiabá, como encarregado da montagem de máquinas do Laboratório Pirotécnico do Mato Grosso, lá faleceu, em 1889.

Francisco Clementino de Santiago Dantas, foi Oficial do Estado Maior e bacharel em Matemática e Ciências Físicas. Deixou vários trabalhos técnicos e uma notícia das operações militares contra o reduto dos Muckers.

ESTRADAS

Durante a administração militar e mesmo depois, era uma verdadeira aventura andar pelas estradas, pois de estrada havia o nome e nada mais. Já vimos que, quando os militares chegaram até o local da fundação da sede da Colônia Militar do Chopim, a região era coberta de densas florestas, sem nenhum morador na região. Abriram caminho no meio do mato com facão, foice e machado. Esta foi a primeira estrada aberta em Chopinzinho, a qual passava por Invernadinha e Bugre. Depois abriram caminho para o rio Dório.

A estrada, ou melhor, a picada que foi aberta do Porto Santa Maria à Colônia Militar do Chopim, por se tratar de um acesso de importância, os militares a abriram mais e mesmo cavaram a terra em muitos lugares.

A taipa de pedras a que nos referimos atrás, foi construída nessa época. Ela tem uma extensão de mais de trezentos metros, com mais de dois metros de altura em alguns pontos. Notamos que parte dela foi destruída, por pessoas que procuravam um " encanto". Existe a lenda de que nessa taipa foi enterrada uma barra de ouro de um metro e oitenta centímetros de comprimento. (Encanto é ouro ou dinheiro enterrado, junto com uma pessoa que foi morta, e cuja alma deverá ficar vigiando o tesouro).

Quando os militares iniciaram a construção da taipa, um soldado desertou, mas foi recapturado no Porto Santa Maria e levado de volta para os militares. No início da taipa, indo de Chopinzinho ao Porto, o soldado foi amarrado a uma árvore, apanhando. O castigo infligido ao infeliz foi de cinqüenta varadas. Dizem que foram quebradas doze varas nas costas do soldado.

Os soldados e colonos levavam uma vida dura, de trabalhos, privações e disciplina. Pode-se dizer que o trabalho e a disciplina exigidos dos soldados e colonos era terrível. Vejamos alguns exemplos encontrados no Arquivo Público, em Curitiba. O colono Tibúrcio José Ribeiro foi preso por oito dias, a pão e água, por ter- se retirado da Colônia sem autorização e falado mal dos oficiais.

O soldado Imnocêncio Menezes, por não ter cumprido uma ordem recebida, foi preso por vinte dias, sendo os oito primeiros a pão e água, em cela especial, depois sete dias em xadrez e por mais cinco dias a pão e água.

O colono Francisco Nascimento foi condenado a quatro dias de prisão, só porque, no dia 12 de novembro de 1896, deu um pouco de aguardente (cachaça) para um soldado tomar. Esses dois últimos foram absolvidos no dia 15 de novembro, para os festejos da Proclamação da República.

Até a floresta era protegida pelos militares. O soldado José Francisco Correa de Oliveira foi preso por quatro dias e o colono Gustavo Adolpho Cristoffeld, repreendido severamente por terem derrubado umas palmeiras, sem autorização.

Primeiramente era proibido aos soldados tomar aguardente. Depois permitiu-se que tomassem uma vez por semana. Fora disso, só com autorização. O soldado Manoel Pinto Chichorro foi proibido de tomar aguardente por quinze dias, por ter- se dirigido de maneira inconveniente a um cabo.

Como vimos, soldados e colonos deviam agir sempre segundo os regulamentos militares, caso contrário, recebiam severas punições.

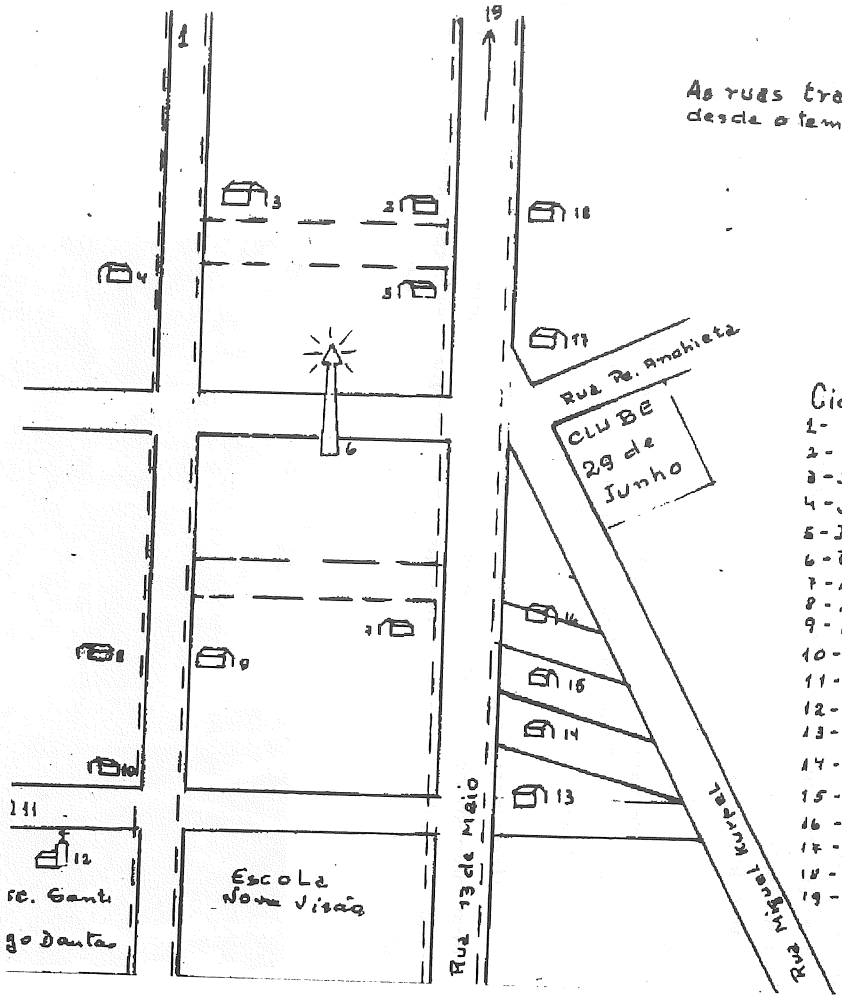
Os soldados trabalhavam nas estradas, mas os colonos também eram obrigados aos mesmos trabalhos e também aos mesmos castigos que os militares.

Essa estrada, que ligava a Colônia ao Porto Santa Maria, nos anos de 1950 a 1953, foi refeita, mas só na força dos homens, conta-nos Leonardo Dolisne, que nela trabalhou. A estrada sofreu um desvio na serraria do Scabini de uns mil metros e um desvio de uns quatrocentos metros na taipa. Eram cinco ou seis turmas, cada uma com oito a dez pessoas, que trabahavam por mês, mas ganhando uma média de 33$000 por dia (leia-se trinta e três mil réis). Um ótimo salário.

Nessa época, Chopinzinho pertencia a Mangueirinha. As estradas não passavam de carreiros, cheios de buracos e cobertos de capim. Nas tropas de porcos, em muitos lugares, só se via o capim mexer e não se viam os porcos.

Mais tarde, foi aberta a estrada para Mangueirinha. As estradas eram abertas só no braço. Foice para roçar, machado para derrubar as árvores, enxadas, pás e picaretas para mexer a terra. Não havia nem carrinhos de mão. Nessas estradas cada morador colaborava com cinco ou seis dias de trabalho por mês.

Como os cavalos e burros pisassem sempre nos mesmos lugares, ali se formavam buracos, os quais ficavam cheios de água nos dias de chuva, formando verdadeiros atoleiros.



As ruas tracejadas, são as que existiam desde o tempo dos militares

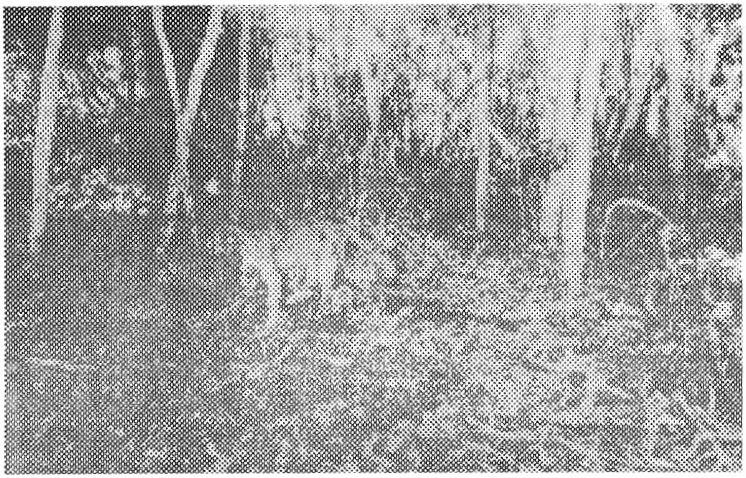
A FAUNA, A CAÇA

No tempo em que os militares chegaram aqui, a fauna era riquíssima, tanto em número de exemplares como em espécies, as mais diversificadas. Bandos de pássaros de todas as espécies. Os animais andavam pelos matos aos milhares. Havia fartura de caça. Vamos contar para vocês algumas histórias de caçadores, segundo Irto Silvério e outros.

Quando os militares chegaram, as mulheres começaram a lavar a roupa no rio Pedrosa. Por causa do perigo que existia, representado pelos animais selvagens, um militar bem armado sempre ia com elas até o rio. Ao chegarem, muitas vezes as mulheres tinham que voltar para suas casas, com a roupa ainda suja, pois o rio estava com a água tão suja, sobretudo nos dias quentes, por causa dos porcos- do- mato que se banhavam um pouco acima, que era impossível lavar as roupas. Na região havia milhares de porcos- do- mato ou catetos.

As varas de porcos sempre eram acompanhadas pelas onças que matavam e comiam os desgarrados. As onças eram em número impressionante. Mesmo depois que os militares se foram da Colônia, ainda havia mais onças do que cães, segundo Sílvio Chichorro.

Havia pessoas que as matavam para que não causassem mais estragos nos animais domésticos. Diz Sílvio que as onças matavam os porcos só para lhes chupar o sangue, matando até três ou quatro por noite, se ninguém estivesse cuidando. O fato a seguir é contado pelo filho da vítima, Antônio Marins de Quadros.



Puma, juntamente com as onças, faziam estragos na pecuária, quando não atendida. Essa, foi morta na Colônia Chopim.

Algumas dessas pessoas que matavam onças, não se deram muito bem. Hilário Marins dos Santos Pacheco, era um grande caçador de onças em Chopinzinho, no tempo em que havia mais onças do que cachorro. Na região que hoje corresponde à Granja Cruzeiro, uma onça pegou um potrilho e o arrastou para o outro lado do rio. Hilário foi chamado para dar caça à onça. Ao chegar ao local, junto com outros caçadores, os cães logo farejaram a bichona e a acuaram, sendo que ela trepou numa árvore. Os caçadores chegaram e a atiraram mal. A onça saltou sobre Hilário, velho caçador, que imediatamente sacou de um revólver "Mauser", o qual negou fogo. O caçador teve seu rosto gravemente arranhado pelo animal, que o derrubou e arrancou-lhe parte do nariz. Os cães lançaram-se sobre a onça, que foi morta por outro caçador, com um pontaço de facão que a atravessou. Hilário sarou, mas ficou com o rosto marcado e o apelido de "Resto de Tigre".

Já Joaquim Rosa, relata-nos Irto Silvério, acompanhou o Jesuíno Alves Silvério e o Zacarias Silvério de Oliveira numa caçada de onça. Quando a onça apareceu, Joaquim imediatamente se agarrou a um xaxim de espinho e nele subiu, sem nem sequer se dar conta dos espinhos. Enquanto isso, os outros conseguiram matar a pintada. (Haja coragem do seu Joaquim!)

João Batista Ramos tinha uns quarenta cachorros de caça. Todos onceiros. Indo caçar, os cães acuaram uma onça nova, mas que estava de cria. Acostumado a matá-las, chegou muito perto, sendo que a onça lhe tirou a winchester. Ele sacou do facão, que também lhe foi tirado. Depois foi agarrado. Os cães saltaram sobre a fera, matando-a, mas João Batista Ramos, muito ferido, foi medicado por Silvino Vicente Duarte. Passados quarenta dias, já estava quase curado, outra onça, à noite, entrou no mangueirão dos porcos. João Batista, sem proteção e sem calçado, correu ao mangueirão, debaixo de chuva. As feridas reabriram, sobrevindo o tétano. Morreu alguns dias depois, em meio a muito sofrimento.

As antas estavam em toda a parte. Existiam em número impressionante.

Quando os militares entregaram a administração da Colônia aos civis, as casas ficaram abandonadas. As pessoas cevavam as pombas dentro de algumas casas. Quando elas estavam bem cevadas, esperavam que entrassem e fechavam a porta e aí era só matar quantas pombas pretas e pombas carijós se quisesse. As outras se deixavam ir.

COMÉRCIO.

Os produtos de que a Colônia precisava, eram trazidos de Guarapuava, em cargueiros. (Os animais, geralmente burros ou mulas, eram encilhados com cangalhas, nas quais se dependuravam cestos de taquara ou bruacas, espécie de cesto feito de couro cru, que não deixava penetrar água. Nesses cargueiros trazia-se de tudo, como fazendas (tecidos), sal, açúcar, querosene e outras mercadorias. Nada era levado, a não ser banha, mel, cera de abelhas, um pouco de feijão e eventualmente charque.

Os burros e os cavalos utilizados nas tropas e mesmo os não utilizados nas tropas eram registrados e marcados com um número.

Os produtos vendidos nos armazéns, arroz, farinha, sal, açúcar... eram vendidos por litros e o comerciante comprava arroz, feijão... por quarta (7,5 kg).

Outras medidas da época e que quase se perderam:
litro = 0,750 kg;
quarta = 10 litros;
alqueire = 40 litros ou 4 quartas.
Medidas para o milho em espigas:
1 atílio = 4 espigas;
1 mão = 16 atílios;
1 talha = 50 mãos.
As espigas eram escolhidas.

Uma vez aberta a estrada para Mangueirinha, o comércio passou a ser realizado com Palmas, por ser mais perto, mas os atoleiros continuavam.

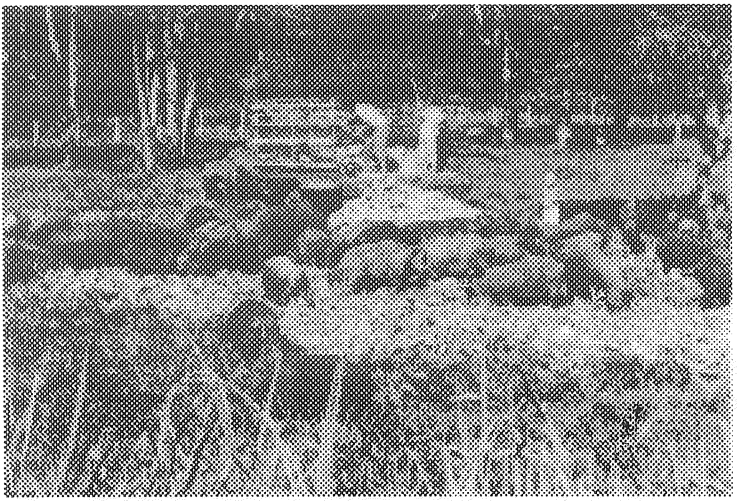
Em 1906, alguém escreveu: " A Colônia possui quatro viaturas, construídas nas oficinas da Colônia, sendo dois carros para bois, um adaptado para uma junta e o outro para duas juntas, um carretão para o serviço de condução de madeiras pesadas e uma carroça, a qual não é usada, por não existirem estradas para a carroça".

A primeira carroça a trafegar, de Chopinzinho a Palmas, foi a de Inácio Schumacker, criador de abelhas. A viagem de volta de Palmas a Chopizinho,por estar, a carroça carregada, demorava quinze dias.

Na Colônia Militar do Chopim e mesmo depois do período militar faziam- se grandes roças de milho. Quando o milho começava a amadurecer, o dono soltava na roça muitos porcos para que engordassem. Esse tipo de roça é chamado de safra. Nela sempre ficava alguém tomando conta dos porcos, pois, se assim não fosse feito, as onças comiam muitos porcos.

Muitos safristas compravam os porcos magros para soltá-los nas safras. Eram comprados por altura, devendo ter no mínimo 45 cm.

Quando os porcos estavam gordos, eram tirados da roça e tocados até Ponta Grossa, onde eram vendidos por peso. Havia tropas que saíam de Chopinzinho com até mil porcos. A viagem a Ponta Grossa era uma viagem penosa que demorava quarenta dias.



Porcos recém retirados da safra e prontos para serem carregados. Eram de Davi Kurpel, na década de 50.

Muitos porcos chegavam a engordar na viagem. Nas safras e na viagem, a comida para as pessoas era o feijão, o arroz, a carne de porco e de caça, e o quibebe, que era feito de abóbora cozida com bastante tempero e carne de porco, que era fritada em outra panela.

O primeiro comerciante foi Jesuíno Alves Silvério e Ladislau Santana Rosa, sócios, que inclusive abasteciam os militares. O segundo comerciante foi Antônio Cleto.

Ainda no tempo dos militares, foi instalado o primeiro moinho por Estêvão Rocha. Ficava abaixo de onde hoje mora o Sr. Teodorico Colussi (Dórico). Esse moinho é que deu o nome ao riacho que ali passa de Moinho Velho.

Depois João e Pedro Bordignon construíram o segundo moinho, em 1925, com dois jogos de pedras, um para moer milho, outro para moer trigo. Esse moinho ficava na chácara que hoje pertence ao Sr. Sabino Ceni. Ainda há vestígios dele, na margem esquerda do rio Pedrosa. Havia uma ponte, quase em frente ao viveiro de mudas da Prefeitura Municipal, por onde passavam as pessoas que iam ao moinho, as quais vinham dos pontos mais distantes de Barro Preto (Coronel Vivida), Mangueirinha, São João e Vista Alegre.

A família Bordignon o vendeu para Augusto Zuconelli, que o vendeu para a família Mezzomo.

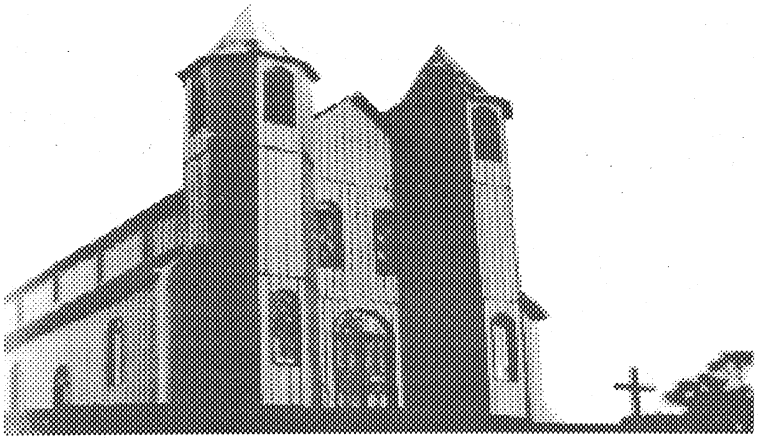
A firma Ceni comprou só a chácara, que ainda possui, sendo hoje do Sr. Sabino Ceni. Ceni colocou o moinho na esquina da 14 de Dezembro com a rua Pe. Anchieta. O moinho foi comprado na Itália e instalado por um técnico, que veio da Itália para esse fim. Foi vendido para a firma Badotti, de Cascavel, onde queimou.

A família Crusch construiu a primeira serraria, no salto do rio Chopinzinho, quase na foz do rio Pedrosa.

Do Rio Grande do Sul, a família Zuconelli veio morar em Chopinzinho, plantando o primeiro parreiral e vindo a fazer o primeiro vinho.

A RELIGIÃO.

Os militares e colonos que vieram fundar a Colônia Militar do Chopim trouxeram a sua religião, que era a Católica Apostólica Romana. Longe do resto do mundo, praticamente sem meios de transporte para sair, sem o rádio ou televisão, que ainda não existiam, a religião foi-se cristalizando cada vez mais na alma daqueles pioneiros. Mesmo com a ausência de sacerdotes, o povo praticava a religião à sua maneira. Maria Augusta Monteiro, desde 1913 residente em Chopinzinho, conta-nos que mensalmente o povo se reunia na casa de um morador para rezar o terço. O dono da casa recebia as visitas com um ramalhete de flores, que era chamado de "Ramo do Terço do Primeiro Domingo do Mês", o qual era doado a outro morador, que receberia as visitas no mês seguinte.



3ª Igreja construída em Chopnzinho

Quanto aos sacerdotes, bem depois dos militares, é que puderam atender a população; assim mesmo, era só uma vez por ano, vindos de Palmas a cavalo. Chegando a Chopim, os padres faziam pouso na casa de um morador. Uma das casas escolhidas era a de Zacarias Camargo, que morava perto de onde é hoje o Szurra. A viagem era penosa, e o padre vinha atendendo a todas as comunidades por onde passava. Muito mais tarde, os padres conseguiram vir duas vezes por ano.

Os militares levantaram uma igreja no local onde hoje está localizada a Escola Santiago Dantas. Com a retirada dos militares da Colônia Militar do Chopim, esta caiu em decadência e a própria igreja virou tapera, segundo o Livro Tombo da Igreja Matriz de Chopinzinho.

Nas décadas de 1910 e 1920, predominava o espiritismo. Os padres, quando vinham para cá, rezavam a missa geralmente na casa de Inácio Schumacker.

No ano de 1909, veio morar em Chopinzinho Silvino Vicente Duarte, natural de Marcelino Ramos, que resolveu limpar a igreja, que servia de estrebaria para as ovelhas. Na noite de 25 de dezembro, nascimento de Jesus Cristo, o povo se reuniu para o culto de Natal. Silvino convidou um dos líderes da comunidade para iniciar um hino religioso. Ele então iniciou o canto que segue: Uma Inselência

Minha Virgem do Rosário.

Abriu-se o Sacrário,

Saiu o Senhor fora,

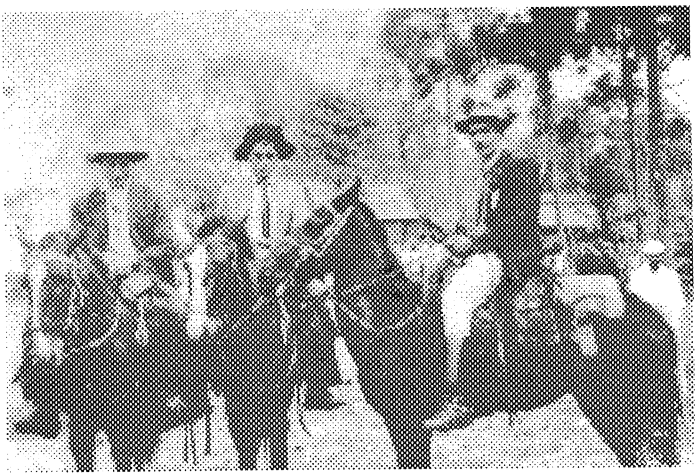
A receber essa alma

Que vai para a glória.

O canto continuava com duas inselências, até seis, quando terminava. Durante todo o culto, morcegos voavam pela igreja. Depois desse canto, Silvino iniciou outro que dizia assim:

Que honra existe,
Que esta valha?
A Onipotência trabalha,
O próprio Deus ganha o pão. (Esses cantos me foram dados por Mariana Duarte, que tem 84 anos de idade).

A igreja construída pelos militares foi derrubada em 1933, por ordem do frei Plácido Rolhf. Para a construção da nova igreja, começou uma discussão entre os moradores, pois uns queriam no mesmo lugar, já que lá era a cidade, enquanto outros queriam onde está hoje. Muito tempo passou sem que o povo chegasse a uma solução.



Da direita para a esquerda: Davi Kurpel, Libório Nechel e Elias Kurpel, onde hoje é o Centro Comunitário São Francisco de Assis.

O bispo de Palmas, para solucionar o caso e ter novamente uma igreja em Chopinzinho, autorizou a construção no mesmo local, mas deu um prazo de trinta dias para que ela fosse iniciada. Depois desse prazo, como nada se tivesse feito, autorizou a construção no outro lado da vila, mas que ela fosse começada em quinze dias. No dia seguinte, iniciaram os trabalhos e no prazo previsto ela estava pronta. Era uma igreja pequena, com uma torre. Em poucos anos ela se tornou pequena, motivo pelo qual frei Everaldo, mandou derrubá-la e construir outra, que foi imediatamente iniciada. Era uma igreja grande, com duas torres. A madeira foi serrada pelos irmãos Bordignon e filhos, que estaleiravam as toras e iam serrando as tábuas e caibros. Miguel Kurilo foi o encarregado de fazer as portas e janelas, assim como " alcantilar" as tábuas. Os construtores da igreja foram: João e Pedro Bordignon, José Dal Piva, Zacarias Camargo, Miguel Kurilo e todos os irmãos Zuconelli.

Essa igreja, devido a um temporal, quase caiu, dando um susto em frei Everaldo Alkemper, quando ao voltar do interior, a cavalo, encontrou-a inclinada. Olímpio Maioli ficou encarregado de consertá-la. Teve como ajudante Servo Basegio. Os dois a colocaram no prumo, com o auxílio de um caibro, colocado na parte superior da igreja, o qual a forçava, à medida que com um tipo de alavanca era empurrada. Uma vez erguida amarraram-na com cabos de aço.

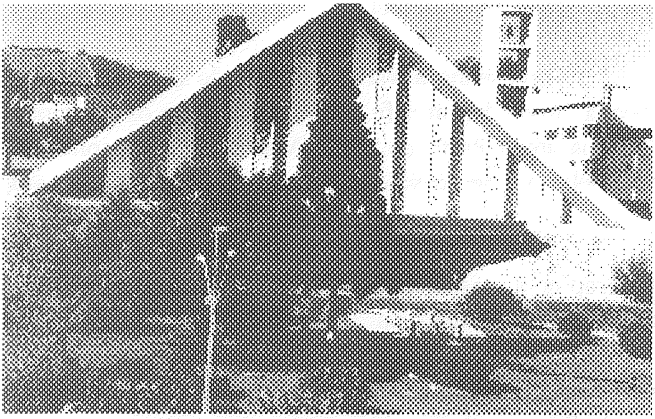
O próprio frei Everaldo iniciou a sua demolição para a construção da nova igreja, a qual foi construída por frei Vito Berscheid.

Tem-se conhecimento de que freqüentaram Chopinzinho, os seguintes padres: Pe. Aquiles Saporiti (secular) e os franciscanos (O.F.M.) frei Solano Schmitt, frei Osmundo Kenffer, frei Plácido Rohlf, frei Silvério Foecher, frei Evaldo Bamberg, frei Casimiro Vincenz, frei Timóteo Krupp, frei Everaldo Alkemper, que conseguiu

que a igreja fosse elevada à categoria de curato, frei Vito Berscheid, que conseguiu elevá-la a Paróquia, sendo ele o primeiro pároco de Chopinzinho. Antes de Frei Vito, o padroeiro era São Pedro. Frei Vito trocou o Santo Padroeiro, São Pedro, para São Francisco de Assis, sendo que a estátua de São Pedro que estava na igreja de Chopinzinho foi levada para a igreja do distrito de São Francisco, onde se encontra até hoje.

Pedro Bordignon, foi a Palmas buscar a estátua de São Francisco, a cavalo tendo chegado em Chopinzinho, com os braços em carne viva pois a estátua o ia machucando.

Frei Olivo Marafon, frei Valdemir Resmini, e frei Jorge Schafaschek, que é o atual pároco, neste ano de 1997.



Igreja Matriz de Chopinzinho.
Um ponto de encontro de fiéis com Deus.

LEONEL DA ROCHA NETO

Nos trabalhos de pesquisa sobre a História do Município, um ou outro dos antigos me falou sobre a Revolta de 1924. Mas era só o que tinham a dizer, até que, quando já estava começando a desanimar de conhecer o fato, eis que a história vem a limpo. Não foi uma boa lembrança que esse homem deixou . Vejamos como foi. Esse homem, Leonel da Rocha Neto, em 1924, passou por Chopinzinho. Chamam a esse episódio de "A Revolta de 1924". Nada havia de revolta. Leonel saiu do Rio Grande do Sul à frente de um grupo de bandidos, saqueando e matando por onde passava.

Na Colônia do Chopim, os moradores esconderam a maioria dos cavalos no mato. Também foram escondidos arreios e pelegos das montarias, pois o bando levava tudo. Quanto aos cavalos, pegavam os bons e deixavam os deles, que estavam cansados.

Quem nos relatou quase toda essa história foi Jorge Levis, filho adotivo de Ermonges. Ermonges Ferreira da Silva, que era empregado de Antônio Vicente Duarte,

foi à casa dele para avisá-lo de que o bando estava na região. Antônio Vicente fugiu com o dinheiro, deixando a família, que foi ameaçada de morte se não contasse onde o chefe estava, mas nada aconteceu com ela. Ermonges foi preso ali mesmo, na casa, e os bandidos o levaram, para perto de um cemitério, que ainda existe, um pouco adiante da entrada para o Bugrinho, matando-o. Quatro dias depois, foi encontrado e rapidamente enterrado Os colonos da Barra Grande também esconderam os cavalos no mato, para que os bandidos não os levassem.

Faziam parte do bando o capitão Cascudo e o tenente Vassoura, que ficavam para trás, pois gostavam de matar as pessoas que encontrassem. O tenente Cabral, " O Cabralzinho", era o pior de todos. Matava por prazer.

Amantino dos Santos Silva e sua senhora Maria Edelvira de Oliveira Santos, depois de terem sua casa saqueada, ainda deram café, pão e queijo para os principais bandidos do grupo. Foram levados até o Porto de Santa Maria, onde os soltaram, sendo que Leonel deu a Maria Edelvira o seu cavalo encilhado. Era um cavalo baio, muito bonito.

Leonel rumou para Guarapuava, passando pelo Porto Santa Maria, mas depois mudou de rumo e resolveu ir a Porto União para saqueá-la.

Foi atacado em General Malet pelas forças do governo, que acabaram com o bando. Leonel fugiu, mas o bando foi aniquilado, terminando para sempre.

COMUNICAÇÃO

Os meios de comunicação, sempre foram difíceis e precários, pois os próprios meios de transportes eram precários. Para o transporte de mercadorias e pessoas, usava-se o cavalo. As cartas, que era o que as pessoas usavam para se comunicar, eram levadas, de um lugar para outro, no lombo de cavalos.

Com o surgimento da carroça, ela foi adaptada, tornada mais leve, para as viagens das pessoas. A correspondência começou a ser transportada nela.

O telégrafo também aparece para melhorar, e muito, os meios de comunicação. Na Colônia Militar do Chopim, os militares não instalaram o telégrafo.

Surge o rádio. O uso de um aparelho no interior não era tarefa muito fácil, pois era ligado a uma bateria, a qual descarregava, devendo ser transportada, a cavalo, até onde houvesse um dínamo para recarregá-la. A tarefa não era fácil, mas o Sr.

Sílvio Chichorro comprou o primeiro rádio de Chopinzinho, era da marca Philips. Diz Sílvio que muita gente ia à sua casa para ouvir certos programas, como Rodeio Curinga, da Rádio Farroupilha e os programas Caipiras das rádios de São Paulo.

Por ocasião da morte de Getúlio Dorneles Vargas, em 24 de agosto de 1954, ainda era o único rádio de Chopinzinho e muita gente ia à sua casa para saber notícias sobre o acontecido.

O segundo aparelho de rádio de Chopinzinho foi o de Vicente Campos.
O Meio de comunicação...

O RÁDIO

O meio de comunicação próprio da cidade aconteceu em 1977, pelo Decreto nº 80.581, de 19 de outubro de 1977, que outorgou concessão à Rádio Chopinzinho Ltda. para estabelecer uma estação de radiodifusão sonora, em onda média, de âmbito regional, na cidade de Chopinzinho, Estado do Paraná. Eis o Decreto:

" O Presidente da República, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, combinado com o artigo 8º, item XV, letra" a" da Constituição e tendo em vista o que consta no processo MC nº 16.467 / 76

Decreta:

Art. 1º - Fica outorgada concessão à Rádio Chopinzinho Ltda, nos termos do artigo 28 do Regulamento dos serviços de Radiodifusão, aprovado pelo decreto nº 52.795 de 31 de outubro de 1963, para estabelecer, sem direito à exclusividade, uma estação de rádio difusão sonora, em onda média, de âmbito regional, na cidade de Chopinzinho, Estado do Paraná.

Parágrafo únic o - O contrato decorrente dessa concessão, obedecerá às cláusulas baixadas com o presente, e deverá ser assinada dentro de sessenta dias, a contar da publicação deste decreto, no Diário Oficial da União, sob pena de se tornar nulo, de pleno direito, o auto de outorga.

Brasília, 19 de outubro de 1977, 156º da Independência e 89º da República."

Ernesto Geisel

O TELEFONE

Algumas pessoas de Chopinzinho queriam telefone para a cidade, o que não era muito fácil, pois o telefone era particular. Seria necessário adquirir a concessão da Companhia Pontagrossense de Telefone.

Os habitantes se reuniram e resolveram juntamente com a Prefeitura, conseguir uma concessão. A Companhia só cederia se a cidade colocasse 30 aparelhos mais 10%.

Algumas pessoas que adquiriram os aparelhos:

* Liborio Forlin - 2 aparelhos;
* Prefeitura Municipal;
* Vicente Mücke;
* Vilmar Ceni;
* Orlando Dalmut;
* Antonio Rocha Scheleder;
* Elis Alves de Oliveira;
* Orlando Menon;
* Euclides Sinegaglia;
* Carlos Bacchi;
* Candido Zuconelli;
* Joaquim Nunes.

A central telefônica foi instalada na farmácia do Libório Forlin. Na parede ainda estão as marcas onde os aparelhos estavam fixados.

A discagem já era direta, automática, embora fosse só para dentro da cidade, de modo que ao estabelecer os telefones alguns moradores diziam: "Para que telefone se , com poucos passos pode-se chegar à casa de quem a gente quer falar?"

Com a desativação, a Telepar pagou uma indenização que foi doada pelos usuários à Igreja São Francisco onde Frei Vito Berscheid era o pároco.

Devemos salientar que Chopinzinho foi a primeira cidade do sudoeste do Paraná a possuir telefone..

PRIMEIRO HOSPITAL DE CHOPINZINHO.

André e Itália Meneguzi, os fundadores do primeiro hospital de Chopinzinho.

Itália Barichello Meneguzzi nos fala sobre o primeiro hospital de Chopinzinho.

Itália é uma catarinense que casou com o gaúcho André Meneguzzi.
O casal Meneguzzi chegou a Chopinzinho em 1950, logo se interessando pelos problemas da comunidade Chopinzinhense.

Frei Everaldo Alkemper procurava, por todos os meios, trazer irmãs para Chopinzinho, mas esbarrou numa grande dificuldade: As irmãs exigiam um hospital para virem a essa cidade.

André Meneguzzi, que amava a cidade, juntamente com frei Everaldo, foi a São Paulo, de jipe, prometendo construir o tão almejado hospital. Duas dessas viagens ele fez, junto com frei Everaldo, conseguindo, finalmente, as irmãs.

A construção do hospital não foi fácil. O início foi em 1952. O local, hoje esquina das ruas Frei Everaldo com a Vicente Duarte, em frente ao centro comunitário São Francisco de Assis, estava coberto de árvores, que foram derrubadas para dar lugar ao prédio. Mas, para arrancar os tocos, não foi fácil. Frei Everaldo usou de um estratagema. Enterrou, perto dos tocos, algumas moedas, espalhando a notícia de que no local havia dinheiro enterrado. Os que acreditaram e foram arrancar os tocos, encontraram as moedas. A notícia se espalhou e daí por diante, sobrou gente.

O hospital era de madeira e tinha trinta quartos, iluminados à noite com lamparinas de querosene.

O primeiro médico desse hospital foi o Dr. Hélio Roque Bragança. Os que o conheceram dizem que era um ótimo médico. André foi o primeiro farmacêutico e o primeiro anestesista.

Mas o primeiro médico de Chopinzinho foi o Dr. Cerqueira Souza. Era militar que, em 30 de abril de 1892, foi substituído, segundo documentos encontrados no Arquivo Público de Curitiba.

Na década de 50, André, junto com frei Everaldo, foi à Caxias do Sul para comprar utensílios para a igreja. André comprou uns ramos de flores de pessegueiro, artificiais, para enfeitar o altar. As mulheres que enfeitavam a igreja, vendo tão belas flores, colocaram -nas num vaso com água. Como eram flores de organza estragaram-se completamente.

As pessoas pobres quase não pagavam o hospital, pois iam embora ao dar alta, prometendo voltar logo, só que não diziam logo depois de quê, de modo que não

voltavam para pagar.

Fato pitoresco deste hospital nos foi contado pelo filho de André, o Homero Meneguzzi. Uma senhora, com doença pulmonar, deu entrada no hospital, mas como a doença estava muito adiantada, no outro dia faleceu.

Para levá-la para casa, o Sr. André doou um colchão, que foi colocado no fundo da carroça do Sr. Amélio Malaggi, que estando na cidade, se prontificou a levar o cadáver. A carroça era puxada por cavalos.

A estrada era cheia de buracos e pedras, de modo que a carroça dava muitos solavancos. Os acompanhantes iam a cavalo na frente da carroça. Devido aos solavancos o colchão com a morta foi resvalando e caiu na estrada, sem que ninguém notasse. Só se deram conta quando chegaram no Jabuticabal. Imediatamente voltaram, encontrando a falecida sobre o colchão, no meio da estrada. Carregaram-na novamente, conseguindo chegar ao destino para o velório.

EDUCAÇÃO.

Quando os militares fundaram a Colônia Militar do Chopim, já se interessaram pela Educação, embora não tenham construído prédio próprio para a escola. Foram construídas as casas para os soldados e colonos, com tábuas de pinheiro, lascadas. Para os oficiais, de tábuas serradas. Para a escola, nada!

No início da Colônia, os militares colocaram professor para lecionar às crianças dos militares e colonos. O Alferes Joaquim Vieira Ferreira Sobrinho foi o primeiro professor, pois sabemos que em 26 de maio de 1902, ele recebeu 10 Cartilhas, 40 livros de Primeira Leitura, ambos de Hilário Ribeiro e 10 livros de Aritmética Elementar de Trajano, comprados com verba da Colônia. Joaquim Vieira foi professor até 1903, quando assumiu o segundo professor, João Costa Mesquita, Alferes do Sexto Regimento de Artilharia de Campanha. Em 1906, foi substituído pelo segundo sargento Manoel da Silva Filho, por uns meses.

A primeira professora a lecionar em Chopinzinho foi Maria Faustina de Oliveira, que substituiu o Tenente Mesquita. Maria Faustina também lecionava em sua casa. Ainda não havia carteiras. Os alunos sentavam no chão, em bancos, em caixas... Depois veio a quinta pessoa a lecionar em Chopinzinho, a professora Maria Francisca Chichorro, filha de Maria Faustina de Oliveira. Ela lecionou durante um certo período em sua casa, como professora particular. Como os militares já houvessem entregue a administração da Colônia ao poder civil e se transferido para outros lugares, Maria

Francisca ocupou uma das casas dos oficiais, que passou a ser a escola. Maria foi nomeada professora estadual, sendo a primeira professora estadual de Chopinzinho. Temos, depois dela, o professor Marins Alves de Oliveira, que continuou lecionando na casa dos militares, transformada em escola. Quando Marins deixou de lecionar, seu irmão Alcindo Alves de Oliveira, além de continuar a lecionar na casa militar, passou a morar nela. Essa casa ficava na esquina das atuais ruas Treze de Maio e Miguel Procópio Kurpel.

Escola Cel. Santiago Dantas, quando era território do Iguaçu. Essa escola vem desde o tempo dos militaes, quando o 1º professor, o Alferes Joaquim Vieira Ferreira, Lecionava! Da esquerda para a direita temos as professoras Iracema de Araújo, Antonia Cerpa, Alice de Lima e Irene Auckrow.

Depois disso, pertencendo a nossa região ao Território do Iguaçu, foi construída a Escola Territorial Coronel Santiago Dantas, com uma sala de aula, tendo como professora, continuadora da obra do Alcindo Alves de Oliveira, a professora Doralina Pompeu da Silva, hoje Doralina da Silva Costi, mais conhecida como Dorinha. Foi professora Municipal por Mangueirinha, durante quatro meses. Depois estadual. Mais tarde foram construídas mais duas salas, sendo que Doralina ficou responsável pela escola, a mando do Inspetor Municipal de Educação de Mangueirinha, Alberto Martins Sampaio.

No ano de 1954, segundo histórico em posse da própria escola, foi construído um prédio em alvenaria e em 1955 foi ocupado. Mais dependências foram construídas, segundo as necessidades que foram surgindo.

O Decreto de criação foi assinado no dia 28 de setembro de 1959 , com o número 24.506, atribuindo-lhe o nome de Grupo Escolar Coronel Santiago Dantas. Um xerox do mesmo decreto, com data de 20 de setembro de 1959, dizia : "Artigo único: Fica criado o Grupo Escolar de quarta classe na sede do município de Chopinzinho.

Curitiba, 20 de julho de 1959.

As. Moysés Lupion, governador do Estado do Paraná".

Com a criação do Complexo Escolar Castro Alves, Ensino de 1° Grau, pelo Decreto 2.334, de 7 de maio de 1980, o Grupo Escolar Coronel Santiago Dantas passou a denominar-se Escola Coronel Santiago Dantas - EPG.

Em 1983, o nome da escola sofreu nova alteração. Passou a denominar-se Escola Estadual Coronel Santiago Dantas - EPG, em conseqüência da Resolução n° 0001-83, publicada no Diário Oficial em 03 de junho de 1983.

Pelo Decreto Municipal n° 57-92 de 19 de agosto de 1992 e pela Resolução n° 4259- 92, de 31 de novembro de 1992, da Secretaria de Estado da Educação, ocorreu a municipalização da Escola Estadual Coronel Santiago Dantas, EPG, que a partir dessa data passou a denominar-se Escola Municipal Coronel Santiago Dantas - EPG. Com essa municipalização a Escola Municipal Coronel Santiago Dantas ficou sem prédio próprio, pois o mesmo ficou para a escola Nova Visão - EPSG, motivo pelo qual a escola recebeu novo prédio.

Hoje a escola tem como Diretora Regina Dolores Rodighero e conta com uma população estudantil de 360 alunos.

Em 1953, frei Everaldo Alkemper, 1° padre a morar em Chopinzinho, construiu uma escola primária com o auxílio do povo, conseguindo trazer irmãs franciscanas para a escola. Maria Ana Häfelo, cujo nome de religiosa era Irmã Maria Dietburga Häfelo, como superiora; Irmã Inês Furigo e Irmã Jacinta Livero. Em fevereiro iniciaram-se as aulas de 1°, 2° e 3° anos primário, com 140 alunos. A escola, em 06 de setembro de 1956, foi reconhecida através da " Licença para Funcionamento" n° 432, com o nome de Educandário Santa Gertrudes, tendo a Irmã Inês, Tereza Furigo, como Diretora.

Um novo prédio foi iniciado em 1956, pois o anterior era muito pequeno. A inauguração deu-se em 1957.

Em 1959, o Governador do Paraná, Moysés Lupion, autorizou o funcionamento da Escola Normal Regional, que iniciou suas atividades em 1° de Março de 1960.

Frei Vito Berscheid construiu, com a ajuda do povo, uma nova escola, ainda maior.

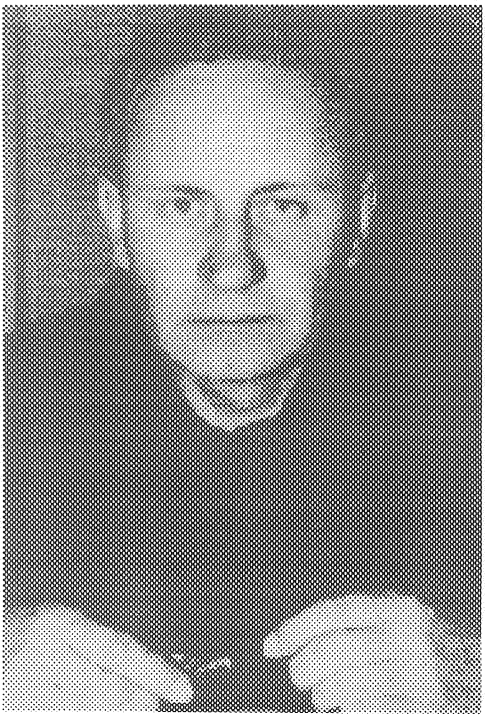
Um convênio entre a prefeitura Municipal, através de seu prefeito José Armim Matte e as irmãs franciscanas, criou o Ginásio Municipal São Francisco de Assis, pela lei nº 72-61, sendo que as aulas começaram em 5 de abril de 1962, e o novo prédio, acima criado, foi inaugurado em 29 de junho de 1962. Essa escola foi estadualizada em 1967, com o nome de Escola Estadual de Chopinzinho, pelo Decreto nº 8.194. Nesse mesmo ano, a Escola Normal Regional foi extinta, mas no dia 28 de dezembro de 1967, foi criada a Escola Normal Colegial Estadual de Chopinzinho.

Em 1º de julho de 1968, recebeu o nome de Ginásio Estadual Paulo Setubal.

Em 1981, recebeu o nome de Escola Estadual José Armim Matte, Ensino de 1º Grau.

Em 1983 passou a ser Colégio Estadual José Armim Matte, Ensino de 1º e 2º Graus, título que conserva até hoje.

CAMPANHA NACIONAL DOS EDUCANDÁRIOS GRATUITOS



Frei Vito Berscheid, a pessoa que mais se interessou e fez, pela educação em Chopinzinho.

A referida campanha foi criada pelo Decreto nº 36.505 de 30 de novembro de 1954, tem como missão a criação de escolas nos três graus, em todo o território nacional, para dar educação gratuita aos nossos jovens.

Sabedor disso, Frei Vito Berscheid, resolveu criar uma escola de Segundo Grau em Chopinzinho, com o auxílio da CNEG.

Para isso convocou uma reunião com o povo de Chopinzinho a fim de deliberarem sobre a viabilidade ou não dessa escola. Essa reunião realizou-se em 2 de maio de 1965 e optou pela criação do Curso Técnico Comercial. Cento e quatro pessoas adultas compareceram e assinaram o livro como sócias. Frei Vito Berscheid foi declarado presidente da Campanha Nacional dos Educandários Gratuitos, setor local. Cada sócio contribuiria com mil cruzeiros mensais.

Em vista do número elevado de sócios, Frei Vito declarou fundado o setor local da CNEG e conseqüentemente o Curso Técnico Comercial, a primeira escola de segundo grau do Sudoeste do Paraná.

A primeira diretoria estava assim constituída:
Presidente - Frei Vito Berscheid;
Vice-presidente - Mário Ceni;
1° Secretário - José Armim Matte;
2° Secretário - José Camargo Tavares;
1° Tesoureiro - Altivir Riesemberg;
2° Tesoureiro - Orlando Dalmut;
Conselheiro - Ângelo Verardo;
Conselho Fiscal - David Rogos Schmitz;
- Vitório Della Bruna;
- Wilson Lorenzi.

No dia 20 de fevereiro de 1966, realizou-se a Aula Inaugural do Curso Técnico Comercial, no Cine Rex de Chopinzinho, na presença do Dr. Aroldo de Oliveira, Administrador estadual da CNEG, representante do governador do Estado e do Secretário da Educação do Estado do Paraná. Presentes também. o Dr. Ruy Küenzer, promotor público, Sr. Mário Ceni, prefeito municipal, Revndo. Frei Vito Berscheid, presidente da CNEG e vigário da paróquia, os primeiros professores: Silvestre Sehnen, Davi Rogos Schmitz e Dr. luiz Albino Broetto

Os presidentes da CNEG foram:

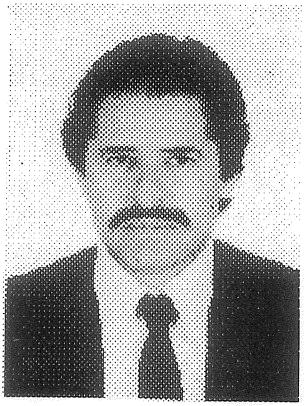
Frei Vito Berscheid - 02/05/65 a 08/03/70;

Orlando Dalmut - 08/03/70 a 30/04/72;
Libório Forlin - 30/o4/72 até hoje
Os diretores da Escola foram:
Ironi Bordin - 20/02/66 a 14/01/74
Jacir Bombonato Machado - 14/01/74 a 1993
Riquelmo Marini - 1993 a 1995
Inês Sanzovo Marini - 1995 até hoje.

Chopinzinho foi sede da 53ª Inspetoria Regional de Ensino, abrangendo os municípios de Chopinzinho, do qual faziam parte os atuais municípios de Sulina e Saudades do Iguaçu, São João, São Jorge do Oeste e Coronel Vivida, sendo seu primeiro inspetor, Frei Vito Berscheid, nomeado pelo Decreto nº 13.600, em 27 de dezembro de 1968, que, por não poder exercer o cargo devido ao seu trabalho apostólico, foi nomeado outro frei, o 2º Inspetor Regional de Ensino, Ary Spohn, a partir de 25 de janeiro de 1969. Em 20 de março de 1969, Terezinha Mezzomo foi nomeada Inspetora do Ensino Primário.

Foram nomeados os inspetores auxiliares de ensino, Doralina da Silva Costi, respondendo pelo município de Chopinzinho, Dileta Maria Possato, respondendo pelo município de Coronel Vivida, Leonilda Paulina Dalazem, respondendo pelo município de São João e João Nalon, respondendo pelo município de São Jorge do Oeste. Todos foram nomeados pelo decreto nº 14.866, de 11 de abril de 1969.

Neuza Tesseroli França pelo decreto 15.342, de 23 de maio de 1969, foi nomeada inspetora do ensino médio e Edla Luiza Schmitz, pela portaria 3.474-69 de 11 de junho de 1969, foi nomeada supervisora da merenda escolar. Foi essa a primeira equipe da 53ª Inspetoria Regional de Ensino. Devido a um acordo realizado entre as duas cidades, Chopinzinho e Coronel Vivida, Chopinzinho tornou-se a sede da 53ª Inspetoria Regional de Ensino, ao passo que Coronel Vivida preencheu alguns cargos.



Professor Arcilo Rossi, último Inspetor Regional de Ensino, em Chopinzinho e 1º Inspetor Estadual de Educação de Chopinzinho.

A extinção das inspetorias regionais de ensino deu-se pelo decreto nº 2.161 de 9 de dezembro de 1983, sendo que o Inspetor Regional de Ensino era o professor Arcilo Rossi, o último Inspetor Regional de Ensino. O mesmo decreto criou as Inspetorias Estaduais de Educação, e Arcilo Rossi foi o primeiro Inspetor Estadual de educação. Com sua saída da Inspetoria, foi nomeada a professora Almira Lemes da Silva e depois a professora Nádia Sanzovo, na gestão da qual as Inspetoras Estaduais de Educação foram extintas, com o decreto nº 250 de 7 de abril de 1987, criando-se um órgão de Verificação da Documentação Escolar, pelo decreto nº 1.091- 95 do qual, Nádia foi a primeira titular, sendo substituída pela professora Marli Boschi e atualmente exerce esta função, Sílvia Sbalchiero.

OS POLÍTICOS.

Os militares estiveram em Chopinzinho do dia 3 de novembro de 1881 a 1909, quando entregaram o comando da Colônia ao poder civil. Esse comando foi entregue a Anísio Hipólito de Oliveira, que era casado com a filha do tenente Arcelino. Anísio se tornou-o chefe político da Colônia Militar do Chopim.

José Franquilin de Oliveira, o Jujuca, que era sargento do exército do qual saiu, mas conservou-se unido a ele, pois casou com uma das filhas do tenente Arcelino. Jujuca também foi chefe político.

Em 1930, José Franquilim de Oliveira, Ilto Silvério e outros foram presos por João Lino, que representava a força governamental. Mas como os prisioneiros prometessem que iriam dormir e não fugiriam, João Lino autorizou que fossem para suas casas. Durante a noite, todos fugiram e Jujuca foi se apresentar em Palmas, onde todos foram declarados livres. Voltando para Chopinzinho, desgostoso com o que ocorria, José Franquilim de Oliveira, o Jujuca, abandonou completamente a política.

Jujuca lutou pela elevação da Colônia Militar a distrito, mas foi Antônio Vicente Duarte quem recebeu o decreto da criação do distrito de Chopinzinho.

Na política para prefeito de Mangueirinha, venceu a eleição Antônio Loureiro, do PTB. Antônio passou para o PSD, pois o governador do Paraná, Moisés Lupion era do PSD. Ainda no tempo de Antônio Vicente Duarte foi fundado o diretório do PSD, passando o comando político para o diretório, sendo chefes do mesmo: Abdon Céspedes, Ceserino Correia, (Coletor) e Pedro Caetano Pinto.

Antônio Loureiro foi substituído na prefeitura municipal por João Pimpão

Ferreira, (O Janguito). Em Mangueirinha e na Colônia do Chopim, o comando político passou para o PR, com os seguintes chefes políticos: Arcindo Alves de Oliveira, Ilto Silvério de Oliveira e João Tavares. Depois disso houve união das pessoas da Colônia para conseguir a elevação do distrito a município, o que aconteceu com a lei nº 253/54.

PEDRAS PRECIOSAS

O desejo de encontrar ouro ou pedras preciosas e semipreciosas sempre esteve presente em todos os povos, em todos os tempos. Em Chopinzinho nunca se constatou corrida por riquezas naturais, pois as mesmas pareciam não existir, a não ser em casos esporádicos de lendas de ouro enterrado, assim mesmo, sem correrias. Somente umas poucas pessoas demonstravam interesse , indo à cata do " enterro".

Na região de Passa Quatro, no município de Chopinzinho, uma patrola foi arrumar a estrada. Passando pela propriedade de Pierina Aurora Sguissardi, tirou uma parte do barranco, fez o seu trabalho e foi para diante. Dona Pierina e seus filhos, andando pela estrada, encontraram vários cristais de pedra lilás. Os cataram e os levaram para casa, por serem bonitos. Depois de lavados, os mostraram a Antônio Lazaretti, que lhes disse serem as pedras boas e que não as mostrassem a ninguém, se não quisessem se incomodar, pois valiam dinheiro. Com os filhos, dona Pierina tirou mais pedras do barranco. A notícia se espalhou e ela pode vender as suas pedras.

Depois apareceu um tal de Maturino, vindo do Rio Grande do Sul, que arrendou a primeira rampa. Muitas pedras Maturino tirou, mas não pagou a rampa, e ainda ameaçava matar a família para ficar com as terras. Só não concretizou o seu plano macabro, porque os irmãos de Pierina o expulsaram da região.

Outro que lhe deu trabalho foi o Antônio, que queria lhe tirar as terras e para isso a caluniou, dizendo à polícia, que fora ameaçado de morte

A polícia foi até sua casa para prendê-la, porém ela os expulsou, dizendo que estava em suas terras e que não iria presa, por não ter cometido crime algum. Muitas perseguições ela sofreu e também prejuízos, pois os arrendatários não lhe pagavam a renda. Não todos. Alguns pagaram certo. Por causa das perseguições, Pierina Aurora Sguissardi vendeu as terras para Tadeu Ratko.

Outra pessoa que encontrou pedras por acaso, foi Júlio Pedroso de Quadros, que, com seus filhos, derrubou o mato para fazer roça. Depois da queima do mato,

apareceram muitos cristais amarelos, que não eram nada mais, nada menos do que as pedras lilases, ou ametistas queimadas

Júlio guardou-as por achá-las bonitas. Etelvino Costa, vindo do Rio Grande do Sul, martelou-as e pagou 5$000 réis o quilo, que foram levadas para Erexim. Os Pedroso começaram a cavar e a guardar as pedras.

Vendeu algumas rampas, cobrando 30% do que fosse encontrado. Novamente Maturino apareceu em cena e comprou uma rampa, mas não pagou nada. Esse Maturino era elemento perigoso. Matou o soldado Pires.

João Pedroso de Quadros, filho de Júlio, com a venda de pedras fez um bom dinheiro, comprando inclusive dois fornos para queimar pedras. Alguns compradores de pedras, pagaram com cheque frio e João perdeu muito dinheiro. Diz ele que a maioria dos que compravam rampas não pagavam, mas alguns, como Paduan e Berger, foram muito certos.

Em algumas rampas os empregados eram tratados como escravos.

Diz João Pedroso ter sido ameaçado de morte por alguns cavadores. Sabe-se que há muita pedra ametista e até rubi, mas ninguém está explorando.

Tadeu Ratko, que comprou as terras de Pierina Aurora Sguissardi, durante três anos não permitiu a mineração em sua propriedade. A partir de 1970, começou a vender rampas, onde eram encontrados os rolados, que eram os bicos soltos encontrados na terra e os tatus, encontrados na rocha, eram blocos de pedra dentro dos quais havia cristais de ametista. A rocha onde estavam os tatus era detonada com pólvora, fabricada pelos mineiros, com salitre, carvão e enxofre.

Era necessário muito cuidado na detonação, pois se fosse muito perto de um tatu, os cristais trincavam, não prestando mais.

Encontrado o tatu, eram retirados os cristais ou bicos. Os tatus grandes eram levados inteiros para o Rio Grande do Sul. As pedras eram marteladas para retirar os trincos e as impurezas, depois queimadas, para só então serem lapidadas.

A lapidação era feita no Rio Grande do Sul, onde iam todas as pedras de Chopinzinho, embora em nossa cidade existisse um grande lapidador, José Cervo, que inventou um aparelho de lapidação, o qual permite uma lapidagem, pode-se dizer, perfeita.

O CASO TABORDA

A Companhia de terras, Pinho Terra, possuía documento das terras devolutas do Município de Chopinzinho, que atingiam os atuais municípios de Chopinzinho, Saudade do Iguaçu e Sulina. Essa companhia vendia as terras para os agricultores, que passaram a cultivá-las em pequena escala, mesmo porque elas eram cobertas de matas, predominando o pinheiro. José Escole e Olímpio Dalmagro eram os que vendiam as terras. Tudo corria bem para os agricultores.

Taborda, homem baixo, gordo e loiro, e que trabalhava na Inspetoria de Terras do Estado, em Curitiba, preparou documentos da mesma terra para si próprio e antes da saída de Moisés Lupion do governo, conseguiu que o mesmo os assinasse. As terras que tomou para si, ficavam à margem esquerda do rio Iguaçu, abrangendo terras que a Companhia Pinho Terra já havia vendido para os agricultores, numa faixa de vários quilômetros do rio para o interior.

Com os documentos em mão, Taborda se apresentava aos agricultores dizendo-se dono das terras, mas que só se interessava pelos pinheiros e não pela terra. Em muitos casos, pagava uma insignificância para os proprietários. Se não quisessem vendê-los, entrava na terra assim mesmo e tirava os pinheiros. Houve casos, inclusive, que Taborda fez " trato", com outros madeireiros e juntos tiravam os pinheiros, só que Taborda de um lado, e o outro, do outro . Eram tantos os pinheiros tirados, que passavam comboios de 70 a 80 caminhões carregados de toras. O movimento de madeira era tão intenso, que motoristas de Taborda vendiam cargas de madeira serrada, sem que se notasse. Dizem que muitos casos de venda de madeira eram do conhecimento de Taborda, que não ligava.

A serraria Passo Liso, gerenciada por um tal de Ademar, entre Sulina e Sede Ouro, comprava muitas toras e também serrava para Taborda. Uma laminadora de Cel Vivida é que mais aproveitava os pinheiros tirados por Taborda. Em Pato Branco também eram serrados muitos destes pinheiros.

Frei João tornou-se um dos defensores das famílias dos agricultores, prevenindo-os do perigo que Taborda e seus Jagunços representavam. Esclarecia-os particularmente e também nos sermões, dizendo que não fossem na conversa deles, pois depois que entrassem na propriedade, faziam o que queriam. Muitas famílias eram ameaçadas. Frei João recebeu ameaças de morte e mesmo foi barrado na estrada pelos jagunços armados de metralhadoras. Depois deixaram-no ir.

Os líderes eram constantemente ameaçados, para que, assustados, fossem embora.

Casas eram metralhadas. Foi o caso da casa de Horácio Tavares, por vingança, pois Horácio havia prendido um dos jagunços e o colocado na cadeia. Taborda, com seu bando, libertou-o. A casa de Angelin Cenci, também foi metralhada.

Pessoas eram mortas, mutiladas e jogadas no rio Iguaçu.

Diz Frei João que as pessoas viviam num estado de terror, num verdadeiro inferno.

As famílias que não cedessem e as mais medrosas eram ameaçadas e maltratadas, de modo que os líderes das comunidades, assim como o Frei, tinham muito trabalho para conservá-las na propriedade e não deixá-las fugir.

Quando sabiam que uma família tinha dinheiro, assaltavam-na.

O delegado de Chopinzinho, conhecido por " Japonês," mais soldados, juntos com Tranqüilo Fávero, tocaiaram os jagunços de Taborda, quando se hospedaram no hotel Bringüenti, hoje hotel do Góis. Após o tiroteio, um deles ficou ferido, mas se salvou. Outro se jogou num valo provocado pela erosão e lá ficou até tudo terminar. Depois saiu e foi embora. O Passo Fundo, um dos piores do bando, correu, desaparecendo do município, pois notou que os ares estavam carregados de muito mais chumbo do que precisava.

O Promotor Público da Comarca de Chopinzinho fez uma reunião com os principais grileiros e o pessoal da Pinho Terra, todos com seus advogados. O capitão Moura, do exército de Francisco Beltrão, que estava presente a convite do Promotor, cansado com a reunião que não acabava, teria tomado o revólver na mão e dito. "Vamos parar o grilo e deixar os posseiros em paz, caso contrário a briga será comigo daqui por diante". Tal proposta assustou os grileiros que abandonaram a região.

Quanto a Taborda, numa discussão, matou um tal de Paulista que não lhe queria pagar umas cargas de madeira. Preso pela polícia, foi condenado à prisão e levado à penitenciária do Estado, onde trabalhou como padeiro, vindo a morrer nela.

Taborda com seu bando matou muitas pessoas, mas finalmente ele também encontrou a morte.

Esse é um dos traços negros da história de Chopinzinho.

CHOPINZINHO DISTRITO

Dos militares que fundaram a Colônia Militar do Chopim, uns permaneceram na colônia enquanto ela durou. Outros, inclusive o próprio fundador, foram transferidos para outros locais, antes do término da mesma. Mas enquanto aqui permaneceram, lutaram para torná-la maior e fazê-la progredir. Por isso propugnaram para que a Colônia Militar do Chopim fosse elevada à categoria de distrito, conseguindo em parte o seu objetivo.

Como já comentamos, no dia 30 de abril de 1909, aconteceu a emancipação da Colônia Militar do Chopim, em que os militares entregaram a administração da mesma, ao comando civil.

Nesse mesmo dia, 30 de abril de 1909, houve a elevação da Colônia a Distrito Policial de Palmas, estabelecendo-se inclusive as divisas para o mesmo.

Em 26 de março de 1920, pela lei nº 1955, foi criado o Distrito Judiciário de Colônia Chopim, no Município de Palmas, continuando com as mesmas divisas do Distrito Policial, criado pelo Decreto nº 216, de 30 de abril de 1909.

Com a emancipação de Mangueirinha, o distrito de Colônia Chopim, continuou como distrito de Mangueirinha.

Em 1949, foi autorizado pelo prefeito de Mangueirinha o loteamento da sede do distrito de Colônia Chopim. Os trabalhos foram realizados pelo engenheiro civil Dr. Generon, que terminando-o ficou morando no distrito.

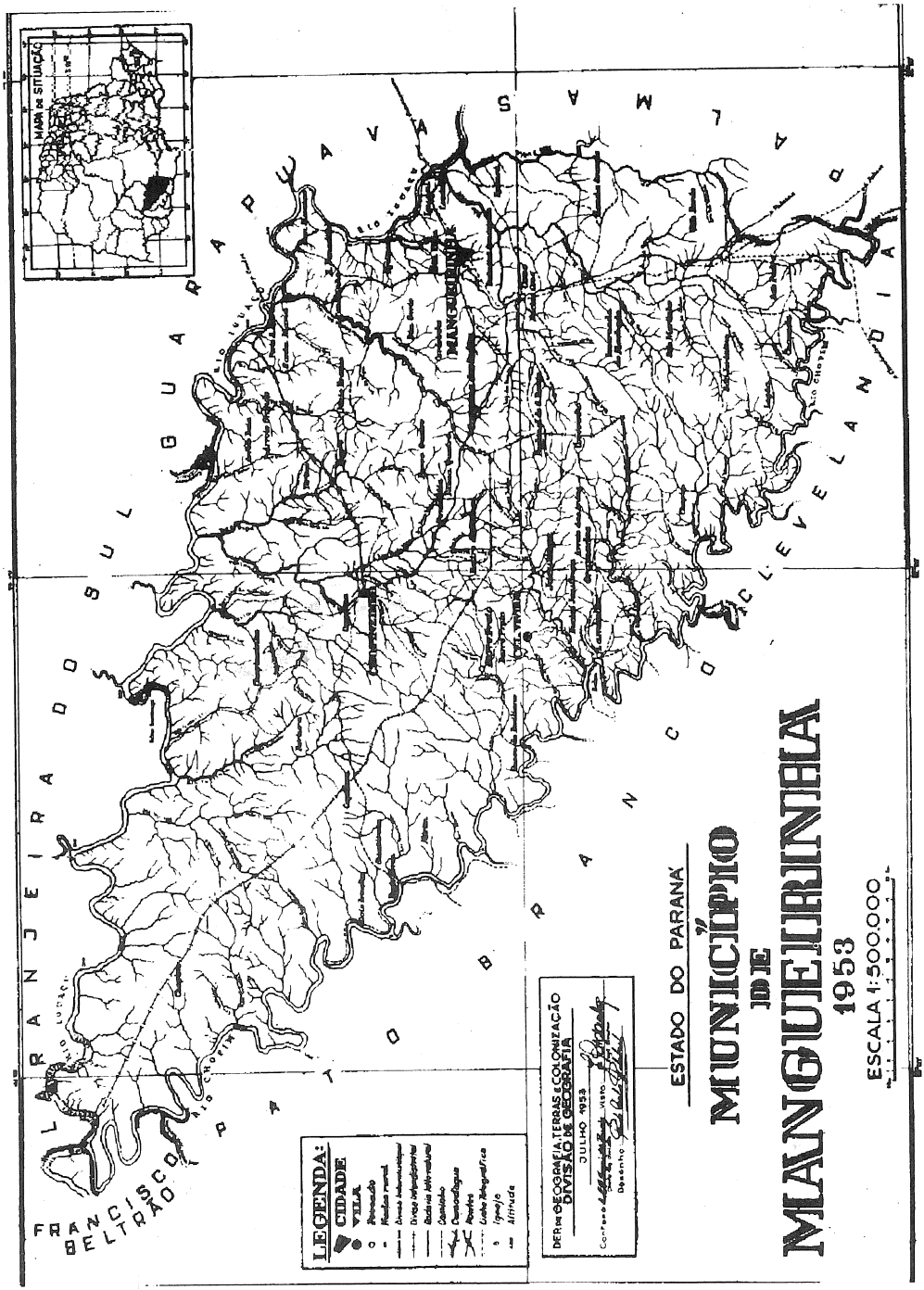
Poucas pessoas moravam na Colônia Chopim e arredores. Citaremos algumas dessas famílias. José Abdon Céspedes, João Soares, Francisco Dalpiva, Joaquim Nunes, João Alquati, todos comerciantes. Augusto Zuconelli, dono de um moinho colonial. Lourival de Oliveira e Adelino Vanazzi, donos do hotel. Elis Alves de Oliveira, escrivão. Francisco Soares, fiscal-exator. Alcino de Oliveira, professor. Dolair Ariovaldo Machado, dentista. Zacarias Camargo, Ilto de Oliveira Silvério, Pedro Caetano Pinto, Sílvio Chichorro, Olivar Chichorro, Miguel Kurpel e outros, todos colonos. Também residia aqui, Frei Everaldo Alkemper.

A vitória alcançada elevou o ânimo do povo e dos líderes políticos, que resolveram continuar a luta, procurando elevar o distrito a município.

Em 1952, foi designado para o Distrito, o senhor Cerino Correia para exercer a função de Coletor Estadual.

Um grupo se formou com o objetivo de efetuar a emancipação política do Distrito. Faziam parte do Grupo: Cerino Correia, Abdon Céspedes, Vicente Mücke, Dr. Generon, Francisco Serpa, Pedro Caetano Pinto e Francisco soares.

Esse movimento teve o importante apoio do Dr. Viana, deputado estadual, eleito pela comarca de Palmas.


ESTADO DO PARANÁ
MUNICÍPIO DE MANGUEIRINHA
1953
ESCALA 1:500.000
LEGENDA:
CIDADE
VILA
Povoado
Rodovia Federal
Divisa Interestadual
Rodovia Interestadual
Caminho
Cumeadoria
Rodos
Linha Telegráfica
Igreja
Altitude
DER DA GEOGRAFIA, TERRAS E COLONIZAÇÃO
DIVISÃO DE GEOGRAFIA
JULHO 1953
Contrôle
Visto
Desenho
MAPA DE SITUAÇÃO
LARANJEIRA DO SUL
GUARAPUAVA
PALMAS
CLEVELANDIA
PATO BRANCO
FRANCISCO BELTRÃO
RIO IGUAÇU
RIO CHOPIM
MANGUEIRINHA

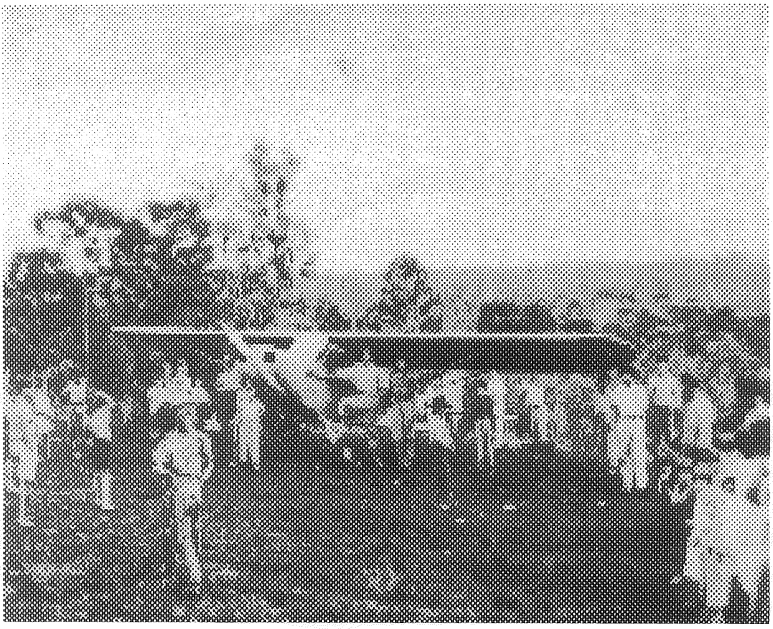
O CASO DO AVIÃO

- Caiu um avião em Chopinzinho!
- O quê? Caiu um avião em Chopinzinho?
- Sim!

O fato corria como um rastilho. Dois dias depois, a notícia já havia alcançado Nova Lourdes, hoje distrito de São João, onde João de Moraes imediatamente encilhou o seu cavalo zaino e rumou para a cidade a fim de ver o avião. No meio do caminho, soube que já havia ido embora, motivo pelo qual, voltou para casa.

Em 1953, um avião monomotor, começou a dar voltas sobre a cidade, sendo que o motor falhava. Algumas pessoas, e entre elas o Sr. Vicente Mücke, saíram à rua e faziam sinais para que o piloto aterrissasse na avenida. Ele o fez e parou o aparelho em frente ao posto de gasolina de Vicente Mücke. O piloto, que também se chamava Vicente, desembarcou com sua esposa e ficou hospedado na casa dos Mücke. No dia seguinte, limpou o carburador do motor, abasteceu no posto que estava ali e pelas 8 horas da manhã, decolou.

Tempos depois, Vicente Mücke, recebeu carta do piloto agradecendo a hospitalidade.



Avião monomotor que desceu em plena Avenida XV de Novembro.

CHOPINZINHO MUNICÍPIO.

A vitória sorriu para esse grupo de batalhadores com a promulgação da Lei número 253/54, de 14 de dezembro de 1954, que diz:

"Lei nº 253/54

"São criados, no quadro do território de Estado, os municípios seguintes:

ART.1º O de Chopinzinho, desmembrado do de Mangueirinha, com o território do atual distrito judiciário do mesmo nome delimitando pelas linhas do artigo 2º.

Art. 2º Os limites municipais ficam assinalados pelas seguintes linhas:

1 - Com o município de laranjeiras do Sul: começa na foz do rio Chopim, no rio Iguaçu, sobe por este até a foz do rio Cavernoso.

2 - Com o município de Guarapuava: começa na foz do rio Cavernoso, no rio Iguaçu, sobe por este até a foz do Lageado Grande dos índios

3 - Com o município de Mangueirinha: Começa no rio Iguaçu, na foz do Lageado Grande dos índios sobe por este até a foz do Lageado Conrado, sobe por este até sua cabeceira e daí em linha reta até a cabeceira do rio Caçador, desce por este até sua foz, no rio Jacutinga e depois pelo rio Jacutinga, até sua foz no rio Chopim.

4 - Com o município de Pato Branco, começa na foz do rio Jacutinga, no rio Chopim, desce por este até a foz, no arroio divisor.

5 - Com o município de Francisco Beltrão: Começa na foz do arroio Divisor, no rio Chopim desce por este até sua foz, no rio Iguaçu.

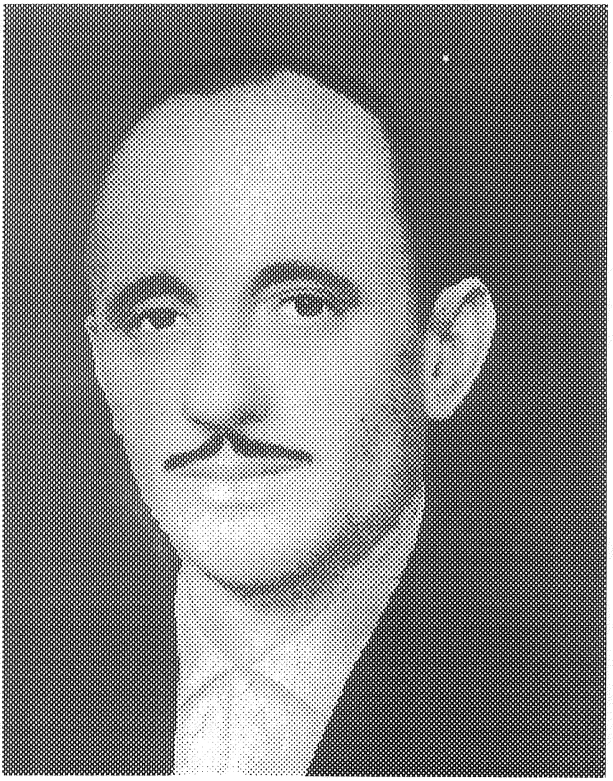
Art. 3º - O novo município será instalado na data da posse do respectivo prefeito.

Art. 4º Dentro de 90 dias, a contar da data de sua instalação, o município publicará o ato estabelecendo a sua divisão distrital administrativa e os quadros urbanos das sedes municipais e distritais.

Art. 5º Fica o poder executivo autorizado a abrir um crédito especial de cr$ 100.000,00, (cem mil cruzeiros) para ser concedido como auxílio ao município criado pela presente lei, mediante requerimento do respectivo prefeito

Art. 6º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário".

CHOPINZINHO MUNICÍPIO
Primeiro Mandato
PREFEITO MÁRIO CENI - 14/12/55 a 14/12/59



Mário Ceni, quando eleito 1º Prefeito de Chopinzinho. Enfrentou muitas dificuldades na 1ª Gestão.

Com a elevação de Chopinzinho a município, logo surgiram dois grupos disputando a prefeitura municipal. De um lado o Sr. Sílvio Chichorro e do outro, o Sr. Mário Ceni. Realizadas as eleições, a vitória coube a Mário Ceni, nascido em Bento Gonçalves, no Rio Grande do Sul, em 13 de agosto de 1915, filho de Faustino Ceni e Dozolina Ceni.

Com 22 anos de idade, aos 23 dias do mês de outubro de 1937, casou com D. Zélide Montemezzo, de cuja união, nasceram 10 filhos.

Chegou a Chopinzinho em 1952, conseguindo logo um grande círculo de amigos.

Como prefeito enfrentou muitas dificuldades. Instalou a prefeitura numa casa em frente ao atual Banco do Estado, de propriedade de Olímpio Bordignon. Comprou, com seu próprio dinheiro, uma mesa e umas cadeiras. Assim começou o município de

Chopinzinho. Máquinas para estradas? Não existiam! Nas ruas de Chopinzinho trabalhava um funcionário, Olinto Cecatto, que munido de carrinho de mão, feito de madeira, em Coronel Vivida, com o qual, Olinto puxava a terra para encher os buracos. Pedro Anastácio de lima, com picareta, enxada e pá, tirava a terra dos barrancos para encher o carrinho. Mais tarde, conseguiu comprar uma carrocinha de duas rodas, puxada por um cavalo. A carroça foi comprada de Adelino Venazzi, a fiado. Era atendida por Olinto Cecatto, que com ela ia até São João, arrumando as estradas. Era o progresso chegando a Chopinzinho.

Como prefeito teve grande ajuda do governador Moysés Lupion.

No final do seu mandato pôde comprar um trator, embora fosse com o dinheiro da própria firma, sendo, depois, ressarcido pela prefeitura. O trator era um Fiat CR-60, que teve como operador Olinto Cecatto.

Para ajudá-lo a fazer uma boa administração, Mário cercou-se de pessoas de capacidade.

1º LEGISLATIVO

O Poder Legislativo também encontrou muitas dificuldades. Aliando-se à falta de experiência de um novel município, todas as leis e problemas caíam sobre os vereadores. O exemplo seguinte mostra-nos um dos problemas. Até aquela data, todos os animais eram criados soltos, não existindo cercas para os mesmos. Fazia-se necessário regulamentar a criação de animais, através de uma lei, que não iria ser bem aceita pelos criadores.

Em 1956, foi aprovada a construção de uma usina hidrelétrica no município. Mário Ceni iniciou a sua construção.

Nessa primeira legislatura foram vereadores:
Olivar Pinto Chichorro - presidente;
Zacarias Camargo - 1° Secretário;
Francisco José Zuconelli;
Pedro Fachin Filho;
Alcindo de Oliveira;
Odlavir Ariovado Machado;
Antônio José Fogaça;
José Dalmazo Bueno;
Olímpio Albrecht Augustim.

Segundo Mandato

PREFEITO JOSÉ ARMIM MATTE
14/12/59 a 14/12 / 63

José Amim Matte, em novembro de 1968, comemorando a vitória, na Avenida XV de Novembro. José Armim é visto em 1º plano, de costas.

José Armim Matte nasceu em 17 de junho de 1927. em Lageado, no Rio Grande do Sul. Filho de Leopoldo Adalberto Matte e de Bertha Mathilde Matte. Era família pobre.

Iniciou os estudos em 1935 e, em 1945, formou-se técnico em contabilidade.

Ainda estudante, exerceu o cargo de administrador do Fomento Agro-Zootécnico das indústrias rurais.

Em 1946, exerceu o cargo de prefeito de Lajeado, substituindo o prefeito em sua ausência.

Foi contador da Cooperativa Agrícola Mista Boqueirão, de Lajeado.

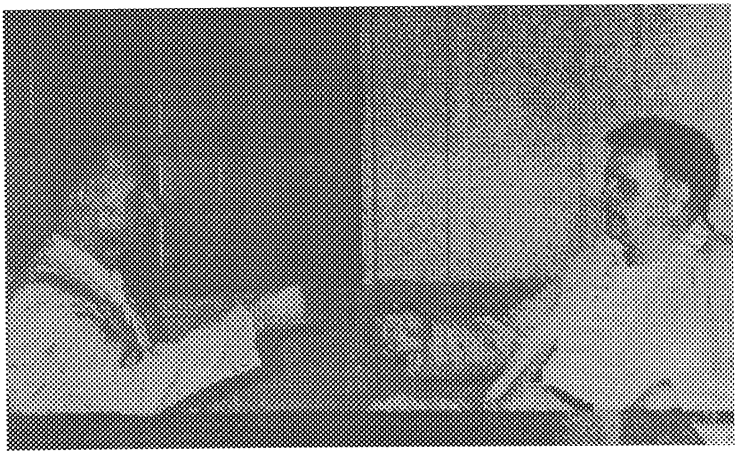
Em 1956, estabeleceu residência em Chopinzinho, organizando a firma Indústrias Reunidas Ltda, juntamente com outras pessoas, tornando-se sócio gerente.

O seu prestígio crescia. Sendo candidato a prefeito na segunda gestão, foi eleito em 1959, assumindo em 14 de dezembro do mesmo ano. Destacou-se em sua administração como um homem dinâmico e de espírito empreendedor.

Na sua administração, São João se emancipou através da Lei nº 4.245, de 25 de julho de 1960.

Construiu a usina hidrelétrica de Chopinzinho, iniciada na administração anterior, com capacidade de 380 KW. Essa obra foi inaugurada pelo seu sucessor.

Comprou a casa de Cerino Correia, o 1° coletor de Chopinzinho, onde hoje se encontra o supermercado Cenci, para ali funcionar a prefeitura municipal de Chopinzinho.



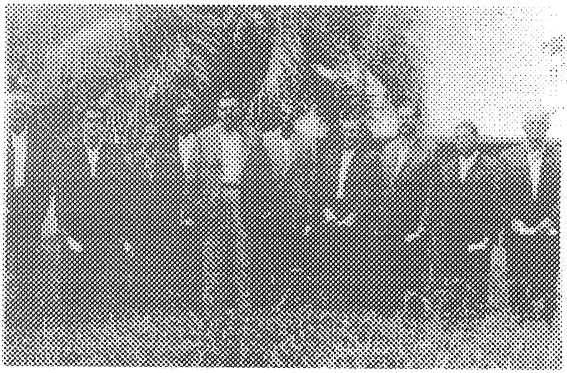
Mario Ceni, 1° Prefeito passando as chaves da prefeitura de Chopinzinho, ao 2° Prefeito, José Armim Matte.

Pela Lei n° 4.776, de 21 de novembro de 1963, criou-se o distrito de Sede Sulina.

Em 25 de julho de 1960, Chopinzinho perdeu uma parte de seu território, com a emancipação de São João, que ficou também com São Jorge do Oeste, o qual se emancipou em 23 de novembro de 1963.

Pela Lei n° 4.667, de 29 de dezembro de 1962, foi criado o Distrito Judiciário de São Luiz do Oeste.

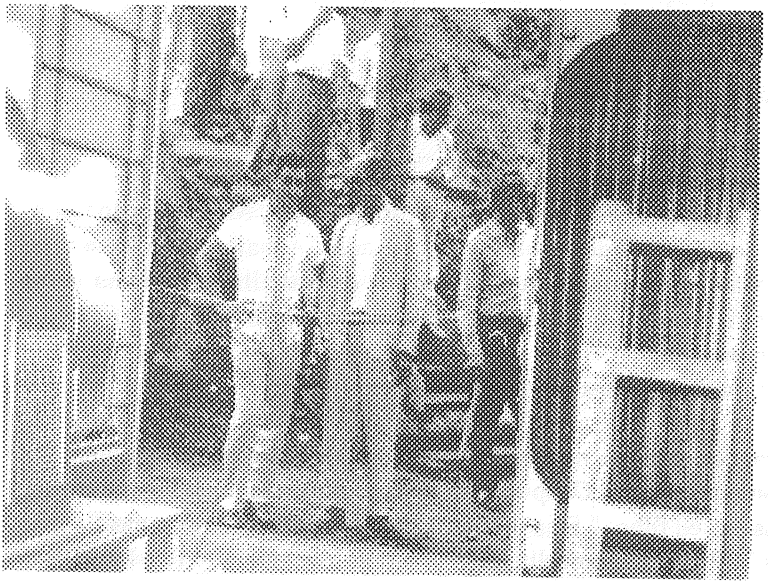
Segunda Legislatura
Miguel llkiu, presidente em 1960 e 1961;
Angelo Verardo, presidente em 1962 e 1963;
Estêvão Pires Carneiro;
Genésio Nogueira Silva;
Mário Ceni;
Luiz Zanatta Grezzana;
Miguel Procópio Kurpel;
Adir Borelli;
Edmundo Artmann;
Guilherme Bocalon.



2º Legislatura, vendo-se da diretoria para a esquerda:
1 - Luiz Grezzana
2 - Adir Borelli
3 - Angelo Verardo (2º presidente)
4 - Miguel Ilhriu (1º presidente)
5 - Edmundo Artmann
6 - Miguel Procópio Kurpel
7 - Estevão P. Carneiro
8 - Genésio N. Silva
9 - Guilherme Bocalon.

Terceiro Mandato

PREFEITO MÁRIO CENI
14/12/63 a 14/12 /69



Mário, no centro, inaugurando a Usina Hidrelétrica de Chopinzinho.

Vice prefeito, Orlando Dalmut. Foi o primeiro vice prefeito de Chopinzinho, votado e eleito pela Câmara de Vereadores. Concorreu contra Carlos Francisco Cenci, que só aceitou sua indicação, para fazer número, mas que ele mesmo, como vereador, votou em Orlando.

Mário Ceni, que foi o 1º prefeito, na 2ª gestão foi vereador e na 3ª gestão se

elegeu prefeito novamente, tendo como companheiro de chapa, Orlando Dalmut.

Como vereador, Mário Ceni conseguiu fazer mais amizades e novamente desempenhou a sua função com trabalho e dedicação em favor do município e dos munícipes.

No terceiro pleito realizado em Chopinzinho, Mário concorreu pela segunda vez, como candidato a prefeito, tendo como adversário, o amigo Libório Forlin. Terminadas as eleições, as urnas foram levadas para Palmas, para a escrutinação. Mário e Libório foram no mesmo carro, uma F 1.000. Os dois rivais amigos, numa parada que fizeram em Mangueirinha, discutiram, pois os dois diziam ter ganho as eleições em Mato Branco. Depois continuaram a viagem como se nada tivesse acontecido. Mário venceu em Mato Branco.

O resultado final foi favorável a Mário Ceni, que venceu com uma margem de 104 votos.

Libório voltou de Palmas com outros companheiros e Mário voltou no outro dia, sendo recebido com grandes festas.

Pela Lei nº 5.227, de 31 de dezembro de 1965, foi criado o distrito de São Francisco.

Para fazer frente às dificuldades que eram grandes, Mário perdoava os impostos em troca de seis dias de trabalho nas estradas. A maioria aceitou a troca e as estradas melhoraram. Nesse mandato, Mário fez os trabalhos finais na usina hidrelétrica de Chopinzinho e a inaugurou, trazendo conforto para o povo e progresso para o município.

Mário Ceni realizou várias obras importantes.

Uma das grandes alegrias, no final de sua vida, foi a eleição de seu filho, Dr. Enio Valdir Ceni, como prefeito de Chopinzinho. Esta alegria não impediu que em seu leito de morte dissesse a seu filho: " Seja prefeito como teu pai foi. Nunca meta a mão no dinheiro público." (Pedro Colombelli, grande amigo de Mário, nos relatou essa frase, pois se encontrava junto, na hora).

Mário Ceni sempre foi um exemplo de trabalho, de dedicação e amor ao próximo

Terceira legislatura

João Inácio Thomas - presidente;
Augusto Sguissardi - presidente no 2° período;
Elys Alves de Oliveira;
Casemiro Ceni;
Pedro Caetano Pinto;
Carlos Francisco Cenci;
Luiz Zanatta Grezzana;
Adir Borelli;
Horácio Tavares.

Quarto Mandato

PREFEITO JOSÉ ARMIM MATTE
31/01/69 a 31/01/73

José Armim Matte, que exerceu 2 vezes o mandato de prefeito.

Vice prefeito: Angelo Verardo

José Armim Matte desempenhou o seu primeiro mandato com muita eficiência, trabalho e honestidade, que ao se candidatar pela segunda vez, novamente foi

eleito, exercendo mais um mandato de ótima administração.

Mário Ceni iniciou a terraplenagem da Avenida XV de Novembro. Armim Matte a terminou e a asfaltou, sendo o primeiro asfalto feito no sudoeste do Paraná. Para se ter uma idéia da terraplenagem, basta dizer que a farmácia São Paulo, de Libório Forlin, foi levantada 3,70 m. Também iniciou o calçamento com pedras irregulares nas ruas da cidade. Fez aterro no lugar onde hoje está o Banco do Brasil. Também aterrou a rua onde hoje está a oficina do Mazzutti, para que os alunos pudessem ir à Escola Cenecista, sem fazer uma grande volta.

Abriu a rua Frei Everaldo.

Comprou uma chácara, onde hoje está a atual prefeitura, construindo a mesma. A área foi comprada de Desidério Patel, que a comprou de Adelino Venazzi, que por sua vez comprou-a da prefeitura municipal de Mangueirinha.

Construiu várias escolas no interior do município.

Legalizou as terras através do Incra, fornecendo títulos definitivos, acabando com muitas broncas de terra e acabando com títulos sobrepostos. Na administração de Carlos Cenci foram entregues, pelo Incra, os últimos títulos.

Criou a Escola Comercial Cenecista. Construiu a Escola Nestor de Castro de Sede Sulina. Conseguiu a extensão do Ginásio Estadual Paulo Setúbal de Chopinzinho para o distrito de São Luiz.

Contribuiu muito na construção da Igreja Matriz de Chopinzinho. José Armim Matte era homem muito religioso.

Quarta Legislatura.

Carlos Francisco Cenci - presidente em 69,71 e 72;
Vicente Mücke Júnior - presidente em 70;
Libório Forlin;
Augusto Sguissardi;
Avelino Dallacosta;
Eurides Ceni;
Vicente Guiomar Reichert;
João Luiz Siqueira;
Altevir Rosemberg Filho.

Quinto Mandato

PREFEITO CARLOS FRANCISCO CENCI
31/01/73 a 31/01/77

Carlos Francisco Cenci, foi o 1º prefeito de Chopinzinho, que conseguiu coligar todas as forças políticas, sendo candidato único.

Vice prefeito Vicente Mücke Júnior

Carlos Francisco Cenci veio a Chopinzinho no início da década de 60, instalando-se no distrito de São Luiz, com uma grande loja de secos e molhados, comprando os produtos dos agricultores. Conseguiu fazer-se admirar pela população san luizense, elegendo-se vereador nas terceira e quarta gestões. A sua fama de pessoa honesta e trabalhadora, dedicada aos interesses da comunidade, espalhou-se pelo município todo, sendo escolhido como candidato único a prefeito em 1972, e eleito prefeito, mandato que iniciou em 31 de janeiro de 1973. Como prefeito demonstrou um grande tino administrativo. Apresentamos algumas de suas obras: O setor rodoviário que sempre é o mais criticado, pois é o que atinge todos os munícipes diretamente, mereceu atenção especial. Na cidade, término do asfaltamento da Avenida XV de

Novembro e 35.000 m2 de ruas calçadas. No interior, 150 km de estradas foram macadamizadas, além de 350 pontes, reformadas ou construídas.

Na área da Educação, construiu 46 salas de aula em alvenaria e 16 em madeira. Conseguiu ginásio para Saudades e Bugre. A Campanha Nacional de Educandários da Comunidade também teve seu apoio. Instalou a Biblioteca Pública com mais de 2.500 livros.

Na área da saúde, conseguiu a construção de um posto de saúde na sede, em Saudades e Sede Sulina.

Implantou a rede de abastecimento de água, com tratamento e reservatório de 480.000 litros.

Instalação da Agência do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal.

Criação da Cooperativa de Eletrificação Rural.

Construção do Prédio do Fórum, em convênio com a Secretaria da Justiça.

Pela Lei nº 08/73, de 31 de junho de 1973, foi criado o Distrito de Saudades.

Muitas outras obras foram executadas para o melhoramento da vida do povo Chopinzinhense.

Em seu mandato, foi construída, pela Eletrosul, a barragem do Salto Santiago, que então pertencia a Chopinzinho. Com a inundação das terras pela barragem, as estradas da costa do Iguaçu se acabaram, motivo pelo qual a Eletrosul doou uma patrola para a prefeitura de Chopinzinho, mas a mesma estava em tão precário estado de conservação que Carlos a devolveu.

A BARRAGEM DO SALTO SANTIAGO

Durante a administração de Carlos Francisco Cenci, o governo federal, construiu a Barragem do Salto Santiago.

O rio Iguaçu, como todos os rios de planalto, é encachoeirado, devido aos desníveis do terreno.

No rio Iguaçu, vários são os saltos e cachoeiras: Cataratas do Iguaçu, perto da foz com o rio Paraná, Salto Caxias, Salto Ozório, Salto Santiago, que na época

pertencia a Chopinzinho e hoje aos municípios de Saudade do Iguaçu e Rio Bonito. Mais para as nascentes, o Salto Segredo

Essas cachoeiras e quedas representam um potencial elétrico muito grande, motivo pelo qual, tanto o governo federal, como o estadual as aproveitaram ou têm projetos para aproveitá-las.

O Salto Santiago foi adotado pela Eletrosul, para aproveitar a energia proveniente dessa queda.

As margens do rio, na parte superior ao Salto, eram habitadas por dezenas de famílias, que tiravam o seu sustento dessas terras fertilíssimas. Essas famílias estavam estabelecidas com toda a infra-estrutura necessária aos pequenos e médios agricultores.

A Eletrosul começou a negociar com esses agricultores a indenização de suas terras, pomares e propriedades. As pessoas a serviço da Eletrosul, chegavam nas casas dos agricultores e faziam várias propostas, para que abandonassem suas terras. Prometiam o pagamento de CR$ 3.500.00 por alqueire, depois subiram para CR$ 4.000,00 e foram subindo, muito pouco por sinal, não alcançando a metade do valor real das terras.

Prometiam a indenização pelas propriedades, cercas e fruteiras, mas que para a maioria nada foi pago. E para os que receberam, foi uma insignificância tão grande que não foi possível comprar um terço das mudas existentes. O pior de tudo eram as pressões psicológicas constantes de que as águas iriam subir logo e cobrir tudo, motivo pelo qual deveriam sair o quanto antes. Diz Arlindo Stefani que tinha um alqueire em pomar, cercas, paiol, chiqueiro, casa e que recebeu por tudo, como indenização CR$ 8.000,00, menos do que o valor de um alqueire de terra, na época em que recebeu. Com esse dinheiro, mais o da indenização das terras, não poderia comprar nem a metade dos 11 alqueires inundados.

Orestes Sílvio Gagliazi tinha pouco mais de 12 alqueires, uma linda várzea de terras fertilíssimas como só poderiam ser as terras ribeirinhas ao grande rio Iguaçu.

Como Orestes não quisesse acertar logo com a Eletrosul, só recebeu em 1985, a quantia de CR$ 18.000,00 ao alqueire. Só que comprou duas quartas e meia, sem casa, perto da cidade, pelo valor de CR$ 68.000,00. Além do mais, perdeu duas safras, pois os fiscais da Eletrosul, com as ameaças de que a água iria cobrir tudo e que não adiantaria plantar, pois tudo seria perdido. Para complicar mais, a Eletrosul mandava os ribeirinhos sair da propriedade, sem acertar nada.

O Romano Pissutto ficou quase louco, por não poder se colocar em outro

lugar, e por causa da pressão psicológica. Romano só saiu uns quatro dias antes da água subir. Também esses agricultores não receberam indenização pelas fruteiras, cercas e demais benfeitorias.

Clemente Cecchi foi outro proprietário prejudicado pela barragem. Clemente tinha 79 alqueires de terra às margens do rio Dório. Como os outros, também sofreu pressões psicológicas com as ameaças de que a barragem iria fazer as águas subir e inundar tudo.

Clemente queria acertar, mas queria receber o preço justo pela sua terra.

As águas subiram e inundaram 35,75 alqueires de suas terras. Mais tarde conseguiu receber CR$ 90.000.00, relativo a 18,50 alqueires, um preço muito abaixo do mercado . Clemente recebeu o dinheiro e não perdeu tempo, tratou logo de investir comprando 3 alqueires sem casa, sem benfeitorias por CR$ 95.000.00. Vemos a insignificância do pagamento das terras pela Eletrosul.

Os outros 17,25 alqueires ainda estão na justiça esperando uma indenização que nunca chega.

Para Mário Presa, os fiscais ao chegarem na sua casa lhe diziam que a Eletrosul pagaria por um alqueire o valor de dois. "Me iludiram", diz ele.

"Depois das boas promessas entreguei a eles o registro da escritura o qual nunca mais voltou".

Mário tinha 15 alqueires de terra e seis foram inundados.

A pressão psicológica também agiu com mais esse agricultor que recebeu como indenização por mais de 120 fruteiras, cercas, paiol, chiqueiro, casa, etc. a quantia de CR$ 44,00 dinheiro que não dava para pagar a desmontagem da casa .

Essa é a triste história para dezenas de famílias que praticamente tiveram que recomeçar a sua vida.

A área inundada, pelas águas da barragem, foi de 5.665,5 ha. ou seja, 2.341 alqueires.

Quinta Legislatura

Libório Forlin - presidente em 73 e 74;
Érico Schneider - presidente em 75 e 76;

Ironi Bordin;
Nery Nissola;
Pedro Somenzi;
Angelin Ório;
Armando Plácido Batisttuz;
André Jacob Kreuz;
Alcides Domingos Basso.

Sexto Mandato

PREFEITO VICENTE MÜCKE JÚNIOR (Tinho)
1977 a 1983

Vicente Mücke Júnior inaugurando a Sanepar em Chopinzinho.

Vice-prefeito Cândido Luiz Zuconelli.

Vicente Mücke Júnior, mais conhecido como Tinho, instalou-se em Chopinzinho em 1951, com seu pai, Vicente Mücke. Conseguiu fazer amizades, as quais extrapolaram os limites da cidade, atingindo o interior.

Em 1976, lançou-se como candidato a prefeito de Chopinzinho, junto com Cândido Luiz Zuconelli para vice prefeito. O preito foi disputadíssimo. Vicente Mücke Júnior, Natal Docena e Pedro Somenzi, os três pela Arena. Mário Ceni, com Odalírio Bordin para vice prefeito, concorreram pelo MDB. Mário conseguiu mais de 4000 votos, mas perdeu para Tinho, que fez mais de 3000 mas que somados com os do Natal e do Pedro Somenzi, foram mais de 5.000.

Vicente Mücke Júnior foi empossado no cargo de prefeito e Cândido Luiz Zuconelli no de vice prefeito em 31 de janeiro de 1977.

Vicente fez uma boa administração. Vejamos algumas de suas obras. A água para a cidade era tirada do rio Pedrosa e distribuída para a população.

Por ocasião de uma seca, Vicente Mücke foi a Curitiba falar com o governador Jaime Canet Júnior, a fim de lhe pedir seis mil metros de canos para conduzir água de uma fonte de Santo Antônio à cidade. Na mesma ocasião o prefeito de Santa Izabel do Oeste pediu um caminhão pipa. O governador lhes responde:

- "Um quer pipa, outro quer manga. Eu lhes darei outra coisa".

Em seguida mandou técnicos a essas cidades para a instalação de uma central de tratamento de água. (Sanepar). Foi assim que Chopinzinho conseguiu uma estação de tratamento de água.

No início de sua administração, Chopinzinho não possuía estradas asfaltadas que chegassem aos outros municípios. Durante sua gestão o município foi unido, via asfáltica, a outros municípios.

Construiu o prédio para a Telepar, mudando o sistema para DDD e DDI

Várias outras obras foram conseguidas: A delegacia de polícia. Com recursos próprios a prefeitura construiu a Rodoviária, que ainda atende o município. O Módulo Esportivo. O estádio de futebol de Sede Sulina, foi todo murado. Adquiriu todo o equipamento para asfalto. Um caminhão para a coleta de lixo, iniciando a mesma. 150 Km de estrada foram cascalhadas.

Recapamento da Avenida XV de Novembro, e fez as praças São Francisco e Cristo Rei. Muitas outras obras foram realizadas por Vicente Mücke Júnior.

Sexta Legislatura.

Érico Schneider - presidente de 77 a 79;
Dilair Ambrozini - presidente de 80 a 82;
Gentil Giacomini;
Natal Felber;
Édison Sauer;
João Luiz Siqueira;
Albino Scolaro;
Edmundo Caetano Pinto;
Tranqüilo Fávero;
Armando Plácido Battistuz;

Áurea Conte Matte, filha de José Armim Matte, assumiu como suplente, sendo a primeira mulher a exercer o cargo de vereadora em Chopinzinho.

Sétimo Mandato

PREFEITO ALBINO SCOLARO
02/02/83 a 01/01/89

Albino Scolaro, 7° prefeito, despachando em seu gabinete. Foi grande incentivador da Cultura.

Vice prefeito , Gentil Giacomini.

Albino Scolaro, nasceu em Antônio Prado, no Rio Grande do Sul, no dia 02 de outubro de 1943.

Em 1967, veio a Chopinzinho, onde cursou o 2° Grau, na Escola Cenecista São Francisco de Assis.

Montou seu escritório de contabilidade, demonstrando grande aptidão na contabilidade das firmas a ele confiadas, de modo que foi tendo mais e mais firmas confiadas a seu trabalho.

Fez-se admirar por seu profissionalismo e dedicação, de modo que, em fins de 1981, seu nome foi lançado como candidato a prefeito.

Vários candidatos disputavam a prefeitura municipal de Chopinzinho de modo que Albino resolveu aceitar para ver como era o jogo dos candidatos, mas tendo a certeza de que não venceria as eleições. Como as suas chances aumentassem, resolveu se empenhar mais e o resultado foi a sua eleição como prefeito.

Diz Albino, "quando eu notei que poderia vencer as eleições, fiquei muito preocupado, pensando no que faria se vencesse". E venceu, tendo como lema de campanha e de governo, " Povo e Governo:" Com esse lema, Albino levou o povo à participação nas questões que surgiam, fazendo reuniões nas comunidades, para se inteirar das suas dificuldades, dos seus problemas e como solucioná-los.

Iniciou um programa cultural, tendo como responsável pela cultura o professor Evilasio Fussiger que, entre outras atividades, iniciou o Canta Terra, festival de música sertaneja e popular, no interior do município, e com finalíssima na cidade de Chopinzinho.

O teatro também mereceu destaque, pois para ele educação e cultura são requisitos básicos e fundamentais, sem os quais é impossível fazer um bom trabalho, ou por em prática qualquer atividade com a participação da comunidade. Foi iniciado o Concurso de textos teatrais, de abrangência estadual. Também iniciou o Canta Chopim, que hoje é considerado o melhor festival do Estado.

Na Educação iniciou o transporte de alunos do 2° Grau. Atualizou o salário dos professores não licenciados, de 60 % para 100 % do salário mínimo. Incentivou as hortas escolares. Contratou professores para o esporte, música, teatro, além dos professores com Magistério em salas de aula. Um grande número de salas de aula foram construídas no interior.

Construiu o Ginásio de Esportes da cidade, com área de 2.900 m2 mais dependências. Quadras esportivas no interior: Santa Rosa, Biguá, Sede Ouro, São Francisco.

Na saúde, construiu sete postos no interior e cinco gabinetes odontológicos foram comprados para atender a comunidade interiorana.

Na cidade, várias obras foram construídas: Agência de Rendas, galerias, Clube de Mães, praças e outras obras de interesse público. 66.388 m2 de ruas foram asfaltadas.

Que dizer das estradas? O município tinha área de 1.214 Km2, sendo que, no início de seu mandato, duas enchentes arrasaram as estradas e levaram as pontes. O seu lema" Povo e Governo" se fez presente, com as comunidades ajudando na recuperação. Dessa maneira Albino Scolaro procurou ser útil ao povo em todos os setores.

Oitava Legislatura.

Edmundo Caetano Pinto - presidente;
Sabino Zanotto;
Aldécio Bavaresco;
Candido Oss;
Ilário Ceni;
Jacir Bonhonatto Machado;
Volmir Antonio Faedo;
Adelmir Pivatto.

Oitavo Mandato

PREFEITO GENTIL GIACOMINI
01/01/89 a 31/12/92.

Vice prefeito Dr. Enio Valdir Ceni

Gentil Giacomini nasceu em 21 de março de 1943, em Videira, Santa Catarina. Estabeleceu-se em Chopinzinho no dia 03 de agosto de 1970, no distrito de Saudades, onde com seus pais e irmãos, dedicou-se ao comércio. Pouco tempo era decorrido de sua chegada quando quis voltar para Santa Catarina, pois encontrando-se na casa de Horácio Tavares, quando esta foi metralhada pelo bando do Taborda, o susto foi muito grande. Superada a crise, continuou em Saudades.

Gentil Giacomini, o 8º prefeito, batalhou em levar centros comunitários ao interior, para lazer do interiorano.

Por seu trabalho como comerciante conseguiu a estima e o respeito dos saudadenses, sendo eleito vereador em 1977.

Concorreu como vice prefeito na chapa de Albino Scolaro em 1983. Em 1988, lançou-se candidato a prefeito, sendo eleito e tendo como seu vice prefeito Enio Valdir Ceni.

Gentil Giacomini procurou fazer uma boa administração, voltada para o povo.

Suas principais realizações foram:

Construção de um centro de saúde na sede do município com gabinete odontológico, raio X e outros, no qual trabalhavam 7 médicos, 5 odontólogos, bioquímico e enfermeiros.

A saúde foi municipalizada, assim como a educação.

Em Saudades, começou a nuclearização do ensino.

Implantou o Ensino Supletivo em Chopinzinho. Contribuiu de maneira decisiva, na reforma da escola Tasso Azevedo da Silveira, assim como de escolas do interior. Contribuiu para o transporte dos alunos para a faculdade e escolas.

Criou dois conjuntos habitacionais, adquirindo duas áreas de terra para os mesmos.

Construiu vários centros comunitários no interior. Quanto ao Ginásio de esportes municipal, iniciou o pagamento do financiamento do mesmo. Com o apoio dado ao Grêmio Esportivo Caramuru, este conseguiu entrar para a primeira divisão de profissionais do Estado.

Os bairros da cidade mereceram de Gentil Giacomini todo o seu apoio.

Fez o calçamento com pedras irregulares para São Luiz, Samambaial e seis quilômetros para o Bugre, construindo várias pontes. A construção do prédio da APAE, escola para deficientes.

Implantação do Conselho Tutelar

Iniciou a implantação do esgoto da cidade.

Criou o Departamento de Agricultura, incentivando a sericultura, o plantio de fumo e outros produtos agrícolas.

Em Saudades, cuidou para criar uma infra-estrutura capaz de dar oportunidade à criação do município, o que realmente ocorreu, separando-se de Chopinzinho.

Incentivou a criação de uma bacia leiteira em Saudades, com indústria de beneficiamento do leite

Além disso, Gentil procurou ajudar a todas as atividades de trabalho e lazer, tanto no interior como na cidade.

Gentil iniciou o seu mandato, com o município um pouco menor, pois a primeiro de janeiro de 1989, Sulina se emancipou de Chopinzinho.

Oitava Legislatura.

Juarez Luiz Pompeu da Silva - presidente em 89 e 90;
valmir Badalotti - presidente em 91 e 92;
Ivo Cechelski;
Volmir Antônio Faedo;
Érico Schneider;
Luiz Giacomini;
Sabino Zanotto;
Carlos Nei Ceni.

Nono mandato

PREFEITO ENIO VALDIR CENI
01/01/93 a 01/01/97

Enio Valdir Ceni, o prefeito que revolucionou a Educação e a Agricultura.

Vice prefeito Vicente Mücke Júnior

Enio Valdir Ceni nasceu em Chopinzinho, no dia 3 de junho de 1954, filho de Mário Ceni e Zélide Ceni.

Terminou a 2° Grau, Básico em Medicina, em Ponta Grossa, na Escola Regente Feijó.

Formou-se em Farmácia e Bioquímica pela Universidade de Ponta Grossa.

Após os estudos estabeleceu-se com laboratório de análises químicas em Chopinzinho, junto à Policlínica Chopinzinho.

Na administração de Gentil Giacomini, foi vice-prefeito e em 1992, concorreu para prefeito, tendo como seu vice Vicente Mücke Júnior, conseguindo uma vitória com grande margem de votos.

Como prefeito voltou sua administração, principalmente para duas de suas secretarias: Agricultura e Educação.

Na Educação iniciou o trabalho de nuclearização do ensino, formando os núcleos da sede (Chopinzinho), São Luiz do Oeste, Gramados, São Francisco, Bugre e Santa Inês.

Construiu mais salas de aula nas escolas escolhidas para centro dos núcleos.

Duas escolas modernas , foram construídas na área índígena de Mangueirinha. Uma na área Caigangue e outra na área Guarani.

Nessa obra de nuclearização teve a grande participação de seu secretário Jacir Bombonato Machado, auxiliado pelas suas funcionárias: Célia Venazzi da Silva, Roseli Scolari Lorenzi, Rosângela Ferrari.

Na agricultura, através do Departamento de Agricultura, foi instituído o Conselho de Desenvolvimento Rural, permitindo a participação de que toda a sociedade e da organização dos produtores na elaboração e aplicação do plano contou com vinte e sete projetos nas mais diversas áreas. A prioridade foi o programa de manejo do solo, onde, através de 18 microbacias hidrográficas, 2.316 produtores foram beneficiados, além do projeto de readequação de estradas com 120 Km concluídos. Os programas de diversificação como sericultura (70 produtores) fruticultura (65 produtores) com 52 hectares, piscicultura, (300 produtores) com 50 hectares de lâmina de água. Trinta e duas associações de agricultores, saneamento básico e assistência técnica coletiva.

É importante salientar a participação da sociedade, principalmente de produtores, através de suas associações.

· Doutor Enio Valdir Ceni também iniciou o seu mandato com o município um pouco diminuído, pois a primeiro de janeiro de 1993, Saudade se emancipou.

A CAVERNA

Nesta administração, visitamos uma gruta que há em Chopinzinho, na localidade de Ponte do Luciano, localizada a uns 40 metros do lago do Salto Santiago. Fomos com a Rosângela Ferrari. Foi a 1ª vez, em caráter oficial.

Para chegar à caverna, dois caminhos se apresentam. Por água, com um barco

é possível chegar até o local, tendo uns 40 metros, morro acima, a pé, para chegar sem canseira e sem as emoções de uma caminhada à gruta.

Para chegar por terra, é bastante difícil, tendo inclusive que fazer uns dois mil metros, enfrentando capoeiras e depois o mato, cheio de pedras, tornando a caminhada bastante difícil.

Quando se vai chegando perto da gruta, pode-se contemplar o enorme paredão de rocha que há e que se vai costeando, para chegar à boca da caverna. Orquídeas em grande quantidade, crescem sobre o rochedo.

Finalmente a entrada da caverna aparece. A impressão primeira, é de não entrar, pois logo vemos que é baixa demais, embora a entrada seja razoavelmente alta.

A curiosidade fala mais alto e após ligado o farol à bateria e iluminado o interior, nela se penetra e logo se é obrigado a ajoelhar e quase a rastejar para poder continuar entrando naquele santuário de solidão e trevas. A caverna só foi visitada por aventureiros vindos de Guarapuava, a procura de ouro, devido a lenda que existe.

O chão da caverna é revestido de pedras que caíram do teto.

A parte superior está em grande parte, revestida por uma camada, provavelmente de calcário, iniciando um processo de formação de estalactites. Gotas de água brilham por toda a parte. Encontram-se no solo, buracos feitos pelos aventureiros.

A extensão da gruta é grande, uns 40 metos de largura por mais de 100 metros de comprimento.

Poucos morcegos moram no seu interior. A água que brota do teto, é potável em alguns lugares e saloba em outros.

Como os moradores das cercanias nunca entraram na caverna ainda são partidários das lendas.

Um senhor, já adiantado em anos, nos conta: "Tudo o que eu digo, se encontra escrito no Roteiro dos Jesuítas". Perguntado sobre quem teria esse roteiro, ele nos respondeu que não se sabe, mas que alguém tem.

O Roteiro diz que em determinado ponto da caverna, há uma "quebrada", aparecendo uma porta estreita a baixa. Ali é difícil de entrar por que há muita fumaça. Mas insistindo e entrando, as luzes apagam, aparecendo um tigre, com o qual se é obrigado a lutar.

Ele está cheio de ouro. Se o tigre for vencido, o vencedor leva o ouro, assim como os móveis de ouro, baús cheios de ouro e uma mesa de ouro que há no lugar. Essa entrada deve estar muito bem guardada e escondida, pois ainda não foi encontrada e obviamente o ouro também não foi.

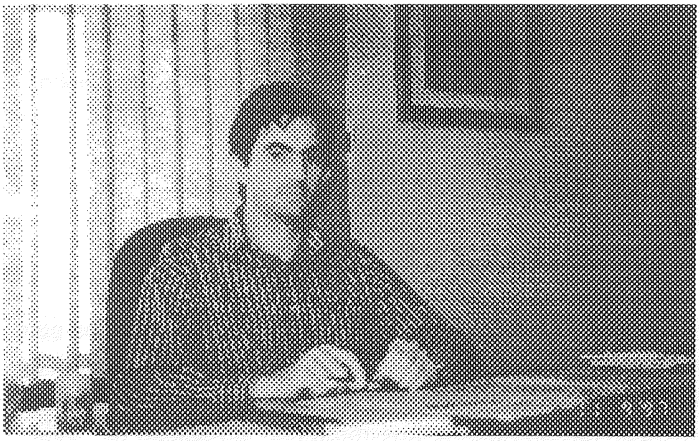
NONA LEGISLATURA

Essa foi a primeira legislatura com 11 vereadores. São eles:

* Ivo Checelski - Presidente de 1993 a 1994;
* Volmir Antonio Faedo - Presidente de 1995 a 1996;
* Sabino Zanotto;
* Gervásio Elias Scolaro;
* Ari Dalacosta;
* Dilair Vilmar Ambrosini;
* Ilário Ceni
* Marlene Bernardete Dalcin Schnaider;
* Leônidas Moser;
* Adalberto Maximino Secchi;
* José Angelo Foppa;

Décimo Mandato

PREFEITO VANDERLEI JOSÉ CRESTANI
01/01/97 a



Vanderlei José Crestani, décimo e atual prefeito, senhor de uma capacidade administrativa muito grande, está desenvolvendo um trabalho muito bom em todos os setores. Soube, também, cercar-se de bons auxiliares, que o ajudam na administração municipal.

Vice-Prefeito Lino Comelli

Vanderlei José Crestani nasceu em realeza, no dia 13 de fevereiro de 1965. Na mesma cidade fez o primário na Escola Municipal Doze de Novembro. O Ginásio cursou-o na Escola Estadual Dom Carlos Duarte. O Segundo Grau, Técnico em Agropecuária no Colégio Assis Brasil, em Clevelândia, e o terceiro Grau na Universidade

Federal do Paraná.

Terminados os estudos, trabalhou como técnico da Planasa Assessoria e Consultoria em Santo Antonio do Sudoeste.

Depois exerceu o cargo de Secretário da Agricultura em Itapejara do Oeste, onde ficou conhecido no sudoeste paranaense.

Enio Valdir Ceni, elegendo-se Prefeito de Chopinzinho, conseguiu trazê-lo para nossa cidade, onde exerceu o cargo de Secretário do Departamento de Agricultura, executando um ótimo trabalho de microbacias e enleiramento de pedras, conquistando a confiança e a admiração da comunidade rural. Candidatando-se para prefeito conseguiu boa vantagem sobre seu adversário político Albino Scolaro, vindo a tornar-se o décimo Prefeito de Chopinzinho.

Vanderlei José Crestani, casado com dona Leoni Favreto, possui dois filhos: Ana Bárbara e Marcelo Henrique.

Vanderlei possui metas ou programas chaves:

* Casa da Família: procura viabilizar moradia para as camadas de mais baixa renda do município.
* Vida Própria aos Bairros: formando uma infra-estrutura social, esporte e lazer nos bairros, para que eles tenham vida própria na sua comunidade.
* Patrulha Rural: levar a comunidade a participar na prioridade dos trabalhos comunitários. A prefeitura trabalha em dois turnos para aumentar a produção.
* Patrulha Urbana: montada para dar suporte e sustentação aos programas da cidade, de acordo com o novo Plano Diretor e o novo Sistema Viário.
* Médico da Família: implantação do programa que institui procedimentos preventivos na área da saúde, através de Agentes de Saúde, com o objetivo de prevenir doenças comuns e prevenir traumas com internamentos hospitalares.
* Urbanização Projeto 50 : prevê o calçamento de 50.000 m2 de ruas em Chopinzinho.
* Urbanização Projeto 100: prevê o asfaltamento de 100.000 m2 de ruas em nossa cidade.

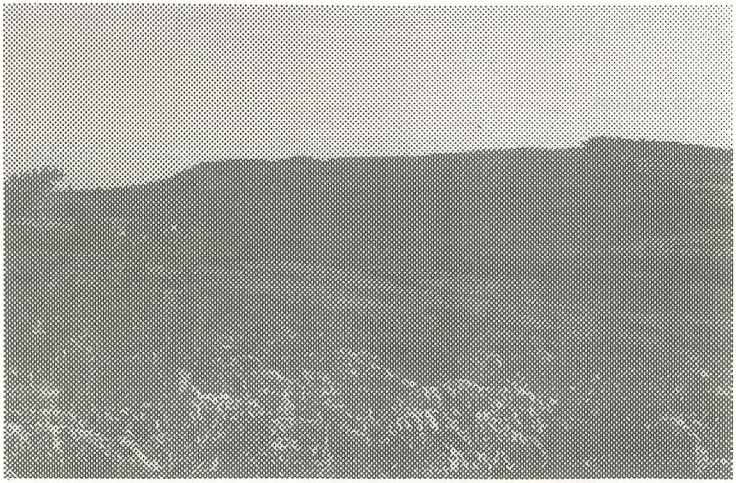
AGRICULTURA

Plano de Desenvolvimento Rural, contempla 30 projetos desenvolvidos pelo Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, com o objetivo de fixar o homem ao campo, melhorar sua capacidade de vida, através da recuperação e conservação dos recursos naturais e diversificação das atividades, possibilitando agregação de renda. O trabalho iniciado como Secretário do Departamento de Agricultura, continua, agora como Prefeito .Hoje Chopinzinho conta com 42 Associações, que congregam cerca de 1.500 famílias.

A piscicultura continua em desenvolvimento possuíndo já 120 há de lâmina de água

Na fruticultura, pêssegos e ameixas ocupam 100 h. A produção provavelmente será exportada para São Paulo e Paraguai.

15 ha de maracujá , que também serão exportados.



Aspecto da agricultura em Chopinzinho, na atual administração, merecendo destaque de brasileiros e estrangeiros que a vem conhecer.

EDUCAÇÃO

Nuclearização.

Iniciada pelo Prefeito Enio Valdir Ceni, merece uma atenção toda especial do seu substituto, Vanderlei, não só mantendo, mas desenvolvendo-a ainda mais. Assim , temos hoje os seguintes Núcleos:

* São Luiz do Oeste, com um total de 8 escolas nuclearizadas e 238 alunos.
* São Francisco, com 8 escolas nuclearizadas e 303 alunos.
* Santa Inês, com 6 escolas nuclearizadas e 519 alunos.
* Invernadinha, com 4 escolas nuclearizadas 62 alunos.
* Linha Aparecida, com 6 escolas nuclearizadas e 218 alunos.
* Gramados, com 5 escolas nuclearizadas e 119 alunos.
* Bugre, com 7 escolas nuclearizadas e 335 alunos.
* Mato Branco, em processo de nuclearização, com 335 alunos.
* Área Indígena Guarani, com 82 alunos e Caigangue 96 alunos.
* Núcleo da Sede - Chopinzinho com 14 escolas do interior e 11 da sede, com um total de 4.218 alunos , assim distribuídos:
* Creche - 120 alunos
* Classe Especial - 39 alunos

* Pré-Escolar - 472 alunos
* 1ª a 4ª séries - 1.263 alunos
* 5ª a 8ª séries - 1.124 alunos
* 2° Grau - 798 alunos
* Supletivo - 1ª a 8ª séries - 276 alunos
* APAE - 70 alunos
* Casa Familiar Rural - 56 alunos

Escolas Particulares

Há ainda o Colégio Cenecista São Francisco de Assis, Ensino de 2° Grau , com 73 alunos .

Escola da XV de Pré-escola à 8ª série, com 148 alunos.

DÉCIMA LEGISLATURA

* Ari Dalacosta - Presidente de 1996 a 1997;
* Adalberto Maximino Secchi ;
* Celito José Ceni;
* Damiano Szymczak;
* Dilair Vilmar Ambrosini;
* Edmundo Caetano Pinto;
* José Angelo Foppa;
* José Lemes Pompeu da Silva;
* Leônidas Moser;
* Odacir Giaretta;
* Theodorico Colussi.

CONCLUSÃO

Temos ciência de que nosso trabalho possa ter alguma falha, pois, por mais que, se pesquise sempre fica alguma coisa fora, ou algum fato não tenha acontecido exatamente como foi escrito. Se tu o conheces, não critiques. Venha falar com a gente, que estarás contribuindo, estarás construindo e não destruindo.

O importante é que algo se tenha feito e que o caminho esteja aberto para que ele possa ser melhorado com a tua ajuda, tu que te dignaste ler a nossa modesta obra.

É importante também que tu faças a história a ti confiada por Deus da maneira mais perfeita pois a tua história é um tijolo na grande história da humanidade e creio que tú não queres que o tijolo da tua história desmorone e fique um buraco na grande casa da história.

Faze bem o teu trabalho, o teu lazer, a tua convivência no lar e na comunidade, assim perante Deus e o mundo farás bem a tua história.